

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174
Rio de Janeiro — Tel. 4337 C.

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil.....	um anno	9\$000
União Postal.....	" "	10\$000
Para o Brasil.....	6 mezes	5\$000

SUMMARIO

Ruy Barbosa
IDEAS E FACTOS
D. Esther de Mello
José Piragibe..... De Ensino e Educação
Dr. Oscar Clark... As enfermeiras das escolas mu-
nicipaes

Bibliographia
Expediente
A ESCOLA
E. Vilhena de Moraes... Torpedar ou torpedear?
Barbosa Rodrigues..... O trabalho manual

LICÇÕES & EXERCICIOS

RUY BARBOSA

Extremeceu a Patria, viveu no trabalho e não perdeu o ideal. Estas as formosas palavras, esplendida synthese de uma existencia consagrada aos ideaes mais levantados, com que ha cerca de vinte annos terminava Ruy Barbosa o famoso discurso pronunciado no Collegio Anchieta, em Nova Friburgo. Dizia que com essa expressão se poderia fechar o seu ataúde quando mais tarde se lhe cerrassem para a luz (para esta nossa luz) os olhos da carne.

Era verdade, e ainda durante os quatro lustros que correram da extraordinaria oração, cada dia seus actos concorreram para dar maior relevo a essas palavras.

Desappareceu o maior dos cidadãos brasileiros, o mais proficuo pelo seu verbo, o mais representativo pela sua cultura, e depois de uma existencia inteira, da qual meio seculo de intensa vida publica, dedicada á belleza do ideal. Foi sempre, na verdade, o paladino das causas em que o escol da intelligencia do tempo collocava o ideal. Defendeu todos os opprimidos, anathematizou todas as oppressões e todos os tyrannos; batalhou por todas as liberdades; glorificou por todos os modos o paiz que lhe foi berço. Esteve com os abolicionistas contra o captivo, que ajudou a extinguir; com os republicanos contra a possibilidade de um terceiro reinado que tudo fazia prevêr desastroso aos interesses da nação: feita a Republica, foi dos que logo entraram a organizar-lhe nos moldes mais liberaes o estatuto basico; em nossas questões politicas internas, luctas muitas vezes de campanario, mas que apaixonaram a opinião e não raro estabeleceram a scisão transitoria na familia brasileira, ergue-se sempre sua voz ao lado dos que estavam com a causa da justiça e quando, transviados, alguns de nossos irmãos chegaram a empunhar armas, maculando com o sangue fraterno, em guerra civil, o sólo patrio, era delle que partia a proposta da amnistia, do perdão, do esquecimento dos odios.

Nós o julgamos enorme, mas quando houverem passado annos sobre annos, quando a historia sem paixões tiver effectuado o cómputo do que a Ruy Barbosa deveu a formação social de nossa patria, e determinado com precisão sua exacta influencia na imbibição das massas populares nos ideaes democraticos, então estamos certos de que, medindo essa extraordinaria influencia e relendo os milhares de paginas em que foram ministrados os conselhos e os ensinamentos, e em que foram proferidos os anáthemos e as censuras, paginas que são todas do mais fino labor e hão de ficar em anthologias, a posteridade ha de invejar-nos—porque o tivemos, porque o ouvimos de viva voz.

A Escola Primaria deve-lhe certamente muito mais do que esta pallidissima homenagem. Orgão dos interesses pedagogicos nacionaes, nossa revista vem apenas desfolhar mais algumas flores sobre a cova que acaba de nos arrebatrar o grande varão. Grande foi elle em todos os ramos de actividade mental, mas forçoso é lembrar particularmente nestas columnas que a Ruy devemos, entre tão vasta e multiplice producção, esse extraordinario Parecer sobre o ensino primario, o qual é ainda hoje, quarenta annos depois, obra que se consulta com proveito. De sua lavra tambem a admiravel traducção das Lições de Coisas de Calkins, livro que é igualmente querido até o momento presente por quantos se dão aos misteres do ensino.

Não fazemos apreciações criticas. Com estas inexpressivas palavras queremos apenas registrar o passamento, da vida terrena para a da gloria pura, desse extraordinario cidadão, cujo nome tem de andar na bocca de nossos alumnos, como já anda, associado a todos os transe e a todas as glorias de nossa historia, a partir de 1874.

Nas homenagens prestadas ao eminente brasileiro, em dias do mez de Março findo, em S. Paulo, destacamos um episodio: erguido o imponente altar civico no largo da Sé, deante delle desfilou a enorme massa popular presente, lançando flores ao busto do grande batalhador. Essas flores, senhoras da mais fina sociedade paulista recolheram-nas e levaram-nas ao cemiterio do Araçá, onde as despargiram sobre os tumulos pobres, como homenagem á memoria do excelso homem. E' bem um symbolo. Sobre Ruy Barbosa choveram, em Haya, em Buenos-Aires, no proprio paiz, em toda parte, as flores da admiração e do respeito de quantos prezam o talento e o character, e essas flores que fazem senão disfarçar a nudez do nosso cemiterio pobre, que é a miseria dolorosa dos nossos homens sem fé e das nossas classes responsaveis sem ideal? Flores de admiração e de respeito lançadas sobre as cãs do veneravel ancião que vem de desapparecer da vida objectiva, dissimulae este vasto cemiterio anonymo que é o campo das nossas luctas estereis e sem brilho, em torno de pessoas e de grupos.

Si alguma coisa pode alcançar da misericordia divina a intercessão do espirito desse batalhador, que foi o baluarte de nossas liberdades, unamo-nos na esperança de que nos ha de obter que se estabeleça no Brasil, que elle extremeceu, aquella paz e aquella ordem tão necessarias ao paiz para se desenvolver como merece; e que se proclame, por toda parte onde ás brisas do céu arfa e fluctua o pavilhão auriverde, a união sagrada de todos os que amam a esta grande terra, para que ella possa ser sempre, como pregava o propheta desapparecido, a livre patria da justiça, a terra abençoada onde florescem todos os ideaes.

I — IDÉAS E FACTOS

D. Esther de Mello

O inesperado fallecimento de D. Esther de Mello foi uma surpresa dolorosa para o magisterio primario da Capital.

Os amigos mais intimos da illustre inspectora sabiam, desde muito, que pertinaz enfermidade lhe vinha minando o organismo, mas ninguem poderia supor tão proximo o fatal desenlace.

A dedicação de D. Esther de Mello ás funcções do cargo que exerceu com tanto brilho, servida por excepcional energia, o ardor e o entusiasmo com que se entregava ao trabalho davam-lhe uma apparencia de saude que a todos fazia crer pudesse ella, por longos annos, continuar a prestar o concurso de seu esforço intelligente ao desenvolvimento do ensino entre nós, missão a que ella consagrara toda sua vida.

Não é facil lembrar, tantos foram elles, os serviços prestados á causa do ensino por D. Esther de Mello.

De adjunta, o entusiasmo, o ardor e a competencia que desde logo revelou de tal a forma a distinguiram, foi elevada a inspectora escolar, sendo-lhe confiada a direcção de afastado districto da zona rural. Vencendo as fadigas de longas e penosas viagens, sem meios fa- ceis de conducção, ahi, como em todos os postos que exerceu, sua acção se fez sentir antes de tudo pelo exemplo que dava de rigoroso cumprimento do dever e de severa obediencia á lei.

Transferida mais tarde para a zona urbana e ultimamente inspectora do 2º districto, toda sua vida, numa preocupação permanente com os trabalhos escolares, foi absorvida por suas escolas, seus alumnos, suas professoras.

Apenas uma vez, e para attender ao cumprimento de ordens superiores, deixou a inspecção escolar: foi quando a chamaram para dirigir a Escola Normal. E os serviços que então prestou a esse estabelecimento de ensino estão bem vivos na memoria de todos, pois foram de hontem, para que se torne necessario relembral-os.

Além dessa, innumeradas outras comissões desempenhou como inspectora, revelando sempre, a par de grande competencia, uma dedicação inexcedivel.

Organização de programmas, classificação de adjuntas, festas escolares, não houve encargo de responsabilidade na Instrucção Publica que lhe não fosse confiado e os directores sabiam bem que podiam sempre contar com sua cooperação intelligente e effizaz.

O prematuro desaparecimento de D. Esther de Mello vem privar o ensino municipal de uma collaboraçã inestimavel e são justas pois, as manifestações de pesar que provocou.

A ellas se associa "A ESCOLA PRIMARIA" em cuja fundação teve a illustre inspectora uma parte muito activa e que lhe deve relevantes serviços.

"De Ensino e Educação"

Chegou-nos ás mãos o livro da professora Maria Amelia Daltro Santos, na occasião em que acabára de ler, depois de quvil-a na Liga Pedagogica, a conferencia do prof. Lysimaco da Costa, e no momento em que se trata, de reformar o ensino, reforma de interesse geral.

O livro da distincta professora — "De Ensino e Educação" — confirma brilhantemente o plano de reforma da Escola Normal, suggerido pelo professor Lysimaco, e pôde despertar nos reformadores de boas intenções idéas salutaes.

O trabalho da illustre professora, além do mais, prova nitidamente e irrefutavelmente, que é uma necessidade imperiosa dar ao estudo de Pedagogia, e da Psychologia Pedagogica, o realce que ellas merecem, ou, pelo menos, fazer sentir, por bem ou por mal, que existem aquellas duas disciplinas, e que o professor precisa conhecê-las.

E' sobremaneira desairosa a falta, entre nós, de boas obras pedagogicas de autores nacionaes. Concluem apressadamente os maldosos que é urgente a missão pedagogica norte-americana, e esquecem-se que tal honra deve caber a pedagogos illustres de outras nações mais proximas de nós, tanto mais quanto se trata, afinal, de uma questão de A. B. C.

A professora Daltro Santos levanta galhardamente a luva, e dá-nos com luva branca um código de preceitos, inspirados pela pratica diaria do magisterio, e fortalecidos pelo que ha de mais moderno e melhor nas disciplinas basicas de qualquer Escola Normal.

A educação é obra d'arte. O educador é artista. O valor da obra d'arte está, segundo affirma João Ribeiro, no pouco de alma que o artista lhe empresta, quando o sublima o doloroso prazer da perfeição. Aquelle pouco de alma, no dizer do mestre, attrahe as outras almas: d'ahi a contemplação profunda, o extase. E' assim a grande lei scientifica — a de Newton, por exemplo. E' assim o livro escripto com amor: mina inexaurivel de suggestões, de collarios, de regras de conducta.

E' livro escripto com amor o da professora Maria Amelia.

Ha muito que extrahir delle, para

proveito de muitos. Procuraremos, entretanto, destacar apenas certas affirmações corajosas, verdades que todos os professores sentem, embora poucos as digam; verdades que os reformadores do ensino tambem conhecem, e, por via de regra, afastam, como idéas incommodas.

"E' um crime sem attenuante", affirma a professora Daltro Santos, "a preocupação commum de preparar examinandos". Profundissima verdade! Qualquer pae, interessado pela educação dos filhos, ficaria boquiaberto, si lhe dissessem quantas boas obras seriam possiveis nas escolas primarias e secundarias no dia em que um reformador de coragem repelisse de todas ellas o pavoroso espectro do exame, responsável quasi unico de grande maioria das cousas más ou pessimas, e carissimas, adquiridas nos collegios por um preço exorbitante — o tempo perdido inutilmente. Acabarão, porem, os exames? Serão feitos de outro modo? Já o Jornal do Commercio, com a habitual serenidade, aconselhou o reformador a não ter medo, a não ter medo, a não ter medo. Perderemos, entretanto, e bruscamente, o vicio de, até mesmo no ensino, proteger industrias inexistentes por falta de materia prima? Defender-se-á, si o quizer, o reformador, protegendo-se com um escudo formidavel: a opinião de Afranio Peixoto, corroborada pela de Einstein. Até Einstein! Que desejam mais? Ha tambem, como sempre, uma escapatória decente: instituir o "exame dos examinadores", como o lembrou Jules Gal, na sua obra recente, e por varios titulos recommendavel, "Des faits à l'idée".

Quantas idéas pôde inspirar a leitura, mesmo rapida, de um unico trecho do precioso livrinho da professora Maria Amelia!

Seria alongar de mais esta simples noticia, si quizessemos tirar todas as consequencias de cada asserto da obra, que já recebeu de outras pennas as justas homenagens.

Suspenda o leitor, de espaço a espaço a leitura do livrinho; pare de quando em vez, e feche os olhos para ver melhor, com prazer ou com pezar, o que já se fez, e o que está ainda por fazer, em prol da educação dos nossos patricios. Encontrado á flôr da terra o minereo precioso, não é licito a todos explorar a

ocular e sua correcção, pequeno arsenal cirurgico para amygdalectomia, raspagem de vegetações adenoides, etc., algodão, gaze, antisepticos, anesthesicos etc.

Em uma ou outra Clínica nos bairros mais populosos e accessiveis deve haver tambem o necessario aparelhamento para a Radiotherapia em particular das affecções da pelle e couro cabelludo, bem como um laboratorio onde possam ser feitas as pesquisas mais necessarias como sejam a reacção de Wassermann, o exame de catarrho, puz, fezes, a preparação de vaccinas autogenas, etc.

Sómente assim a população pobre receberá os beneficios da Medicina moderna e muitas tragedias (basta pensar na syphilis congenita e na tuberculose!) poderão ser evitadas!

Não sendo isso possivel e se a esse tempo já possuirmos hospitaes bem installados, a Prefeitura poderá entrar em accordo com a administração desses estabelecimentos afim de se utilizar de seus gabinetes Röntgen.

ENFERMEIRAS

Afóra os males acima referidos e que sómente nos consultorios dos especialistas podem receber a devida correcção, encontram-se nas escolas publicas innumeradas creanças depauperadas que carecem do auxilio dos poderes publicos.

E' aqui justamente que as enfermeiras podem desde já prestar os mais valiosos serviços ministrando noções exactas sobre hygiene individual, indagando das condições sociaes das respectivas familias, corrigindo vicios dos paes, e por fim fornecendo merendas a taes alumnos e conduzindo-os ás quintas-feiras, pelo menos, ás praias onde a Prefeitura póde, sem maior despeza, mandar levantar uma cobertura de lona que os proteja nas horas de sol ardente.

Nenhuma duvida pode haver sobre a eficiencia de medidas tão simples sobre a prophylaxia da tuberculose, pois, innumeradas dessas creanças residem em companhia de tuberculosos abertos e muitas dellas já soffrem do mal.

O homem goza de papel decisivo na transmissão das molestias infecciosas e é pela hygiene individual que muitas tragedias podem ser evitadas. O tuber-

culoso educado não é muito perigoso, mas o tuberculoso ignorante é uma fonte inexgotavel de infecção, maxime para as creanças pequenas que contraem o mal quasi com a mesma facilidade com que pegam sarampam.

Se alimentarmos e ensinarmos as creanças a viver ao ar livre, em 10 annos o coefficiente de mortalidade pela tuberculose na nossa Capital baixará fatalmente e de modo sensivel.

Outro motivo poderoso que justifica plenamente a criação immediata do corpo de enfermeiras visitadoras das Escolas Municipaes vem a ser a proxima construcção de hospitaes modelos na Capital, cujos beneficios á população serão incalculaveis se o povo estiver instruido sufficientemente para a sua utilização. Ora, como vimos atraz, sómente as enfermeiras podem se incumbir de semelhante tarefa.

Assim, a expressão «Hygiene escolar» não tem mais razão de ser; a escola publica é, nesse particular, apenas um pretexto para a invasão do lar pelas enfermeiras.

Outro serviço notavel que as visitadoras podem prestar, respeita á alimentação infantil.

O problema sanitario dos lactinios está resolvido na America do Norte, onde tal industria se acha nas mãos de grandes capitalistas que fornecem bom leite á população.

O nosso pessimo systema de pequenos estabulos particulares torna impossivel a necessaria fiscalização da Saúde Publica de modo que a educação das mães a esse respeito constitue a unica medida efficaz de prevenção contra a tremenda mortalidade infantil em nossa metropole!

ONDE BUSCAR AS ENFERMEIRAS

E' esse um dos pontos mais delicados da questão pois da escolha dessas auxiliares depende o successo da obra.

As moças que abraçarem semelhante sacerdocio devem ter não só uma noção exacta da importancia social do cargo como das suas difficuldades, afim de que não desanimem logo nas primeiras investidas.

As enfermeiras visitadoras devem possuir um conjuncto de qualidades moraes e intellectuaes por isso que a sua função exige tacto e arte bastantes para a conquista da confiança não só dos alumnos como dos paes.

Não é facil convencer gente ignorante—maxime no nosso meio onde as classes mais baixas estão profundamente imbuidas de idéas «*espiritas*» — das noções fundamentaes da hygiene moderna.

Assim, as enfermeiras devem ser pessoas que não só agradem e conquistem á primeira vista como tenham energia sufficiente para exercer autoridade sobre as classes pobres.

Sendo assim, penso que devemos buscar as futuras visitadoras nas proprias escolas municipaes, por isso que não só as professoras podem prestar informações preciosas sobre o character, a intelligencia e o coração das candidatas, como se tornam directamente responsaveis pelo procedimento das moças nomeadas sob sua indicação.

Podemos iniciar o serviço com 50 ou 100 enfermeiras instruidas pelos medicos escolares de accordo com um programma cuidadosamente organizado pelos mesmos.

Os cargos não devem ser vitalicios e todo serviço será rigorosamente escripturado.

Esboço de programma

a)

Instrucção pratica nas escolas afim de que as enfermeiras aprendam a importancia dos males habituaes da população escolar (hygiene escolar).

b)

Curso completo de hygiene individual (inclusive hygiene infantil).

c)

Noções sobre medicina preventiva:

- 1) Prophylaxia da tuberculose;
- 2) Importancia e tratamento da syphilis;
- 3) Portadores de germens (diphtheria, febre typhoide, meningite etc.);

4) Prophylaxia e tratamento da ancylostomose e vermes intestinaes;

5) Prophylaxia das infecções transmitidas pelos mosquitos (impaludismo, filariose, febre amarella etc.);

6) Prophylaxia das infecções transmitidas pelas pulgas (peste bubonica);

7) Prophylaxia das epidemias transmitidas pela agua (cholera, febre typhoide, etc.);

8) Infecções da infancia (coqueluche, sarampam, escarlatina, rheumatismo);

9) Importancia das moscas na transmissão de doenças;

10) Perigos do alcoolismo e dos narcoticos;

11) Ventilação das casas;

12) Hygiene da habitação;

13) Mortalidade infantil; causas e prevenção;

14) Prophylaxia do cancer;

15) Vaccinação contra variola, diphtheria e febre typhoide.

OSCAR CLARK.

Bibliographia

Recebemos «O Dever», orgam do gremio literario fundado e mantido por alumnos do conhecido collegio Paula Freitas.

Commemorando o 25º anniversario de professorado do dr. José Piragibe, esse numero é inteiramente consagrado ao illustre mestre e contem, além de sua biographia, numerosos artigos de professores e alumnos em homenagem ao Professor Piragibe.

Dos dados biographicos que publica transcrevemos o trecho abaixo, que salienta bem a acção brilhante exercida pelo grande educador na Liga Pedagogica do Ensino Secundario e, ao mesmo tempo, o raro valor desse mestre que, bem moço ainda, tem educado já uma geração inteira de jovens patricios.

«Ha alguns annos, fundou Piragibe, com o concurso de alguns professores desta Capital, a Liga Pedagogica do Ensino Secundario, da qual tem sido presidente até esta data, embora ultimamente licenciado.

Presidente da Liga, Piragibe é a alma daquella instituição, é o sopro que lhe dá vida; é a elle que se devem os já numerosos serviços prestados por aquella aggremação de professores á causa do ensino secundario e da educação em geral. Ora com os seus proprios trabalhos, ora incitando, animando, estimulando os collegas com aquelle ar de jovialidade franca e optimismo sadio que se lhe conhecem, Piragibe conseguiu que o cabedal technico e pedagogico e a contribuição scientifica da util instituição attingissem em pouco tempo um algarismo animador.

Qual a especialidade de Piragibe como professor? Difficil é dizel-o.

Tem leccionado as materias mais variadas com um saber e habilidade sempre iguaes.

No periodo em que o Collegio foi equiparado, dedicava-lhe cinco horas diarias, das 9 ás 14 horas, ensinando portuguez, latim, geographia e sciencias physicas e actualmente rege as cadeiras de geographia, physica, chimica e historia natural. Os seus alumnos de sciencias physicas e naturaes admiram-lhe a erudição e preparo scientifico. Os de geographia, como os de mathematica, proclamam-lhe os conhecimentos profundos nessas materias; os de linguas têm os mesmos conceitos no que concerne a taes disciplinas.

Mas o que todos, unanimes, affirmam, não sómente com a palavra, mas com a espontaneidade do riso, do gesto, da confiança com que delle se approximam, é que Piragibe é o *mestre querido*.

E a outorga desse titulo não produz inveja aos demais professores; primeiro porque nem todos podem dispôr daquelle temperamento sempre igual, galhofeiro sem offensa, energico sem pedantismo, bondoso sem condescendencias, justo sem ostentação—com que foi privilegiado o preclaro professor; em segundo logar porque, si elle é o «mestre querido» entre os discipulos, é tambem o *collega querido* entre os professores.

Modesto, sincero, verdadeiro operario do bem, as suas ambições resumem-se em educar bem a sua familia idolatrada e em ser util á Patria que vae ajudando a construir com as almas dos seus educandos.»

EXPEDIENTE

«A Escola Primaria» circula em todo o Brasil.

Os pedidos de assignaturas devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á

Redacção da «Escola Primaria»
Rua Sete de Setembro, 174 — 1.º andar.

As collecções dos annos anteriores, cartonadas, com indice alphabetico, serão vendidas na mesma redacção ao preço de 10\$000 as dos dous ultimos annos: 1921-22 e 1922-23; e 12\$000 as dos quatro primeiros annos.

Todos os pedidos, quer os de assignaturas, quer os de collecções, devem ser endereçados á
Redacção d'«A Escola Primaria», rua 7 de Setembro, 174, 1.º andar—Rio de Janeiro.

União Manufactora de Roupas

Proprietaria das maiores fabricas de roupas brancas da America do Sul
(Sociedade Anonyma)

CAPITAL INTEGRALIZADO 1.500.000\$000

FABRICAS:

RUA HADDOCK LOBO, 406, 408, 410 e 412 — RUA GONÇALVES CRESPO, 43 e 45
RUA DR. ARISTIDES LOBO, 94 e 96

Departamento de Vendas Geraes = RUA ARISTIDES LOBO, 94 e 96
Escriptorio RUA HADDOCK LOBO, 406, 408, 410 e 412

UNIFORMES E ENXOVAES COMPLETOS PARA COLLEGIAES
Fornecedores dos principaes collegios da Capital e dos Estado
ALFAIATARIA, CAMISARIA E GRAVATARIA - FAZENDAS POR ATACADO
VILLA DE PARIS —:— 35, Rua dos Ourives, 35
Buenos Ayres, 76 e 78 —:— Rio de Janeiro

II — A ESCOLA

TORPEDAR OU TORPEDEAR?

EMPREGO DIFFERENCIAL DOS SUFFIXOS EM AR, EAR E EJAR

—Nem uma cousa, nem outra, opinaria, de certo, um pacifista extremado, e fôra esta, em verdade, optima solução. Não a podem, infelizmente, adoptar os bellicosos grammaticos e os lexicographos, obrigados, por dever de officio, a terçar armas por uma fórmula ou por outra, até o dia, pelo menos, em que a desappareição repentina do facto, venha incluir o vocabulo no rol dos nati-mortos, o que, aliás, não parece em vias de proxima realização. Emquanto isso, vae cada qual defendendo, como póde, as suas preferencias.

Não deixa de ter o seu interesse acompanhar, *de longe*, a contenda, não tanto pela solução objectiva do caso em si, como pelo exame que impõe de um phenomeno linguistico, até hoje, pouco estudado nos compendios grammaticaes, e que parece, realmente, refractario a qualquer systematização:— o emprego differencial dos suffixos, *ar*, *ear*, e *ejar*.

Guiados pela pratica, mal cuidamos nós as difficuldades que semelhante distincção, indispensavel, ás vezes, ao sentido da phrase, póde offerecer aos estrangeiros que estudam a nossa lingua.

Cousa de somenos talvez a muitos se afigure engrolar na palestra um infinito em *ar* ao envez de *ear*, ou vice-versa. Cumpre, todavia, não esquecer que, si poderia ahi passar despercebida facilmente a cincada, já o mesmo não acontecera no indicativo presente dos ditos verbos, cujas formas dependem, como se sabe, das que se tenham dado ao infinitivo.

E' facil imaginar a impressão que causará um allemão ou um inglez dizendo, muito a sério, que precisa «*casar o paletó*», ou «*saquear dez contos para um amigo*», ou pronunciando, com toda a convicção, eu *bombo*, eu *pento*, eu *titubo*, ou eu *me contenteio*... Nem nos perdoaria qualquer delles o riso, só com lhe dizermos que o erro é de palmatoria, pois

é facil saber que os verbos em *ear* fazem todos em *eio*.

Restaria, em todo o caso, a pergunta:— Mas quaes são esses bemditos verbos em *ear*?»

A resposta, que não é facil, interessa igualmente á poesia, onde o conhecimento da existencia de uma forma dupla qualquer póde prestar ao poeta o inestimavel serviço de lhe poupar uma dureza—em vez de *palra*, p. ex. *palreia*— ou de lhe salvar, si não a alma, pelo menos o pé ou a rima de algum verso:— *soletreia*, p. ex., ao envez de *solettra*.

Em um dos seus folhetins do «Vêr, Ouvir e Contar», publicado no Jornal do Commercio, de 28 de Março do anno passado, escreveu a seguinte nota o apreciadissimo «Alter Ego», pseudonymo, como se sabe, de um distincto homem de letras, ao mesmo tempo, autor do «Dicionario Pratico da Lingua Portugueza»: «Escrevo *torpedar* e não *torpedear*, pela mesma razão porque se escreve *flagellar* e não *flagellar*, *martelar* e não *martelear*, *instrumentar* e não *instrumentear*, etc.»

Voilà qui est fait... Resolve-se facilmente o problema, mediante uma regra simplicissima, deduzida por analogia e n'aquellas palavras implicitamente contida:

«Recebem o suffixo *ar*, e não *ear*, todos os verbos derivados de substantivos masculinos acabados em *o*».

Outra não poderia ser a regra que se pretendesse invocar, uma vez que ali occorrem vocabulos com diversos phonemas e sem outra analogia mais que a da sua desinencia e a da categoria grammatical a que pertencem.

E', realmente, aquelle o caso da grande maioria dos ditos verbos, mas não faltam excepções:

arco—arquear, ao lado de arcar
bando—bandear

barro—barrear, ao lado de barrar (de *barra*)
 braço—bracejar
 cabresto—cabrestear
 cacho—cachear
 callo—callejar
 campo—campear
 carro—carrear, ao lado de carrar
 campo—campear, ao lado de campar
 chasco—chasquear
 censo—*parasyntetico*—recensear
 corcôvo—corcovear
 couro—courear
 dardo—dardejar, ao lado de dardar
 espaço—espacear, do lado de espaçar e espacejar.
 estado—estadear
 estrondo—estrondear, ao lado de estrondar
 fardo—farejar
 fogo—*parasyntetico*—afogear, ao lado de refogar
 fundo—fundear
 gato—gatear
 hombro—hombrear
 lado—ladear
 macaco—macaquear, ao lado de macacar
 mastro—mastrear
 mordomo—mordomear, ao lado de mordomar
 parto—partejar
 passo—passar
 piloto—pilotear, ao lado de pilotar
 plano—planear
 pleito—pleitear
 ponto—pontear (*pontar* vem de ponta ou de ponte)
 pranto—prantear
 rabo—rabear
 rastro—rastrear
 relampo—relampear
 relampago—relampaguear
 sapato—sapatear
 tabaco—tabaquear
 tacto—tactear
 tento—tentear
 touro—tourear
 verso—versejar

Bastam as excepções que ahí ficam apontadas, para se vêr que não é absoluta a regra.

Seria ainda o caso de perguntar como se resolveria o problema si, ao envez do termo proposto, viesse á baila, por exemplo :

I) um adjectivo qualificativo termi-

nado em *o*, v. g. *vermelho*. *Vermelhar*, sem duvida, como de *amarello*, *amarellar*, *castanho*, *acastanhar*, *cinzento*, *acinzentar*, *louro*, *lourar*, etc. No emtanto, *branco* faz *branquear*, *claro*, *clarear*, *roxo*, *roxear*, e *preto* ou *negro*, *pretejar* e *negrejar*.

Comparem-se ainda os seguintes grupos :

<i>alto</i> , <i>altear</i>	<i>baixo</i> , <i>baixar</i>
<i>esbelto</i> , <i>esbeltar</i>	<i>côxo</i> , <i>coxear</i>
<i>chato</i> , <i>achatar</i>	<i>louro</i> , <i>lourar</i>
<i>barato</i> , <i>baratear</i>	<i>mouro</i> , <i>mourejar</i>

<i>tardo</i> , <i>tardar</i>	<i>vago</i> , <i>vagar</i>
<i>bastardo</i> , <i>bastardear</i>	<i>vesgo</i> , <i>vesguear</i>

manco, *mancar*
franco, *franquear*

secreto, *secretar* ; *discreto*, *discretar*
concreto, *concretizar*

Não é maior a disciplina em :

Dirêto, *endireitar*, *esquerdo*, *esquerdear* ; *manso*, *amansar*, *falso*, *falsear* ; *gordo*, *engordar*, *bambo*, *bambear* ; *longo*, *alongar*, *formoso*, *formosear* ; *lindo*, *alindar*, *bello*, *embellezar*, etc. etc.

II) um substantivo qualquer do genero feminino, v. g. : *Bombarda*. *Bombardear*, com certeza á semelhança de *bomba*, donde as formas *bombeio*, *bombardeio*, universalmente adoptadas. De *farda*, no emtanto, veio *fardar*(-se), de *jarda*, *jar-dar*, de *alabarda*, *alabardar*, e de *espingarda*, *espingardar* (ao lado de *espingardear*).

A mesma discrepancia nos seguintes grupos :

<i>dança</i> , <i>dançar</i>	<i>côr</i> , <i>corar</i>
<i>lança</i> , <i>lançar</i>	<i>flôr</i> , <i>florear</i> (ao lado de <i>florar</i>)

<i>cruz</i> , <i>cruzar</i>	<i>fama</i> , <i>infamar</i>
<i>voz</i> , <i>vozear</i>	<i>lama</i> , <i>enlamear</i>

<i>lucta</i> , <i>luctar</i>	<i>frechd</i> , <i>frechar</i>
<i>voluta</i> , <i>volutear</i>	<i>setta</i> , <i>settear</i>

<i>onda</i> , <i>ondear</i>	<i>ronda</i> , <i>rondar</i>
<i>sonda</i> , <i>sondar</i> ,	

<i>planta</i> , <i>plantar</i>	<i>alfombra</i> , <i>alfombrar</i>
<i>garganta</i> , <i>gargantear</i>	<i>sombra</i> , <i>sombrear</i>

III) um substantivo ou um adjectivo

qualificativo terminados em consoante, ou em *e* atono precedido de consoante :

A indecisão é evidente :

pastor, *pastorear* *senhor*, *senhorear*
doutor, *doutorar* *autor*, *exautorar*,
professor, *professorar*

alfinete, *alfinetar* *topete*, *topetar*
florete, *floretear* *banquete*, *banquetear*
casquete, *encasquetar* *joguete*, *joguetear*
capote, *encapotar* *calote*, *calotear*

parente, *aparentar* *presente*, (subst.) *presentear*
dente, *dentear* (ao lado de *dentar*), *pente*,
pentear, *serpente*, *serpentear* : *frente*, *enfrentar*

frequente, *frequentar*, *doente*, *adoentar*,
innocente *innocentar* : *patente*, *patentear*
presente (adj.), *presentar*

ponte, *pontar* *neve*, *nevar*
torre, *torrear*, *face*, *facear*

norte, *nortear*
oriente, *orientar*

Desorientado ficaria aquelle que em todos esses casos se pretendesse guiar exclusivamente pela analogia.

Que outras normas nos ministram os grammaticos ? Contentam-se quasi todos com mencionar apenas o suffixo, como simples forma divergente de *ar* e *ejar*, propria de alguns verbos, ou que assumem outros, indifferentemente, sem significação especial,—si é que não o deixam inteiramente de lado, por não distinguirem, como convém, o *e* pertencente ao thema do *e* que pertence á particula, d'onde a inopia dos exemplos apresentados, meia duzia, geralmente. Ha, no emtanto, que considerar tres casos diversos :

a) o verbo não é *post-nominal*,(*)mas

(*) *Post-verbaes* chamou BREAL, pela primeira vez, aos substantivos que, por derivação retrograda, se originam de verbos, como *chôr*, de *chorar*, *passar* de *passar*, *combate*, de *combater*, *queima* de *queimar*, etc.

Não se poderia, pela mesma razão, chamar *post-nominaes* aos verbos derivados de substantivos ? Para esses preferem os italianos a designação de *denominaes* ou *denominativos*, formas tambem estas perfeitamente acceitaveis em portuguez.

Praticamente, é difficil differencial-os dos primeiros. *Caçar*, p. ex. não vem de *caça*, como

primitivo, oriundo directamente do latim, v. g. *crear*, (*creare*), *gear* (*gelare*), *cear* (*coenare*), *semeiar* (*seminare*), *Cear* poderia sel-o quando muito em latim, d'onde nos veiu.

b) o verbo é *post-nominal*, mas o suffixo é *ar*, e não *ear*, por pertencer ao thema a vogal *e*, v. g. : *ide-ar*, *me-ar*, *pe-ar*, *a-fe-ar*, *alhe-ar*, *en-fre-ar* etc. Do mesmo modo em *desejar*, não existe o suffixo *ejar*, mas sim *ar*, ligado a um nome que termina em *ejo*.

c) o verbo é *post-nominal*, e o suffixo *ear*, v. g. : *frontear*, *nortear*, *dentear*, *presentear*, *torrear*, *serpear*, *phrasear*, *carnear*, como se pode verificar pela existencia das formas allotropicas : *dentar*, *encarnar*, *frontar*, *presentar* (adj.) e *presentear* (do subst.) (**)

Aliás, a origem historica de semelhantes prefixos é facto hoje em dia perfeitamente explicado :

are (lat.) o suffixo verbal por excellencia.

iare (lat.) pouco usado

icare (lat.) mais usado que o precedente, porém logo suplantado por *izare* (lat.) do grego *ίσειν*, o mais productivo dos suffixos romanicos, transformado em

**idyare*, d'onde

ejar, e, por syncope,

ear

A ordem chronologica é, portanto, em portuguez, a seguinte :

ar

car e *gar* (*fabricar*, *vingar* etc.)

ejar

ear

á primeira vista parece, mas dá-se justamente o contrario : *captiare* (lat.), *caçar* (verbo) e *caça* (subst.). *Martelar*, porém, proveiu certamente de *martelo*, como *estudar* de *estudo*, *ventar*, de *vento*, *cachimbar*, de *cachimbo*, etc. A difficuldade se apresenta sobretudo para os verbos em *ar*. Quem, porém, reconhece com exactidão o suffixo *ear* (extremando o *e* pertencente ao thema do que pertence á particula), pode desde logo affirmar que todo verbo em que o mesmo se manifesta é *post-nominal* ou *denominativo* : *Passar* p. ex. é um *post-nominal*, derivado de *passo* + *ear*. *Passeio*, portanto é um *post-verbal*, e não o gerador do verbo *passar*, como alguns grosseiramente pretenderam para justificar a graphia erronea *passeiar*.

** Em italiano : *serpeggiare*, *fraseggiare* ; *torreggiare*, *fronteggiare*...

Nos antigos poetas já se encontram as formas em *iar* e *ear*. Curioso é, todavia, notar-se que, para a formação de neologismos, reapareceu, por via erudita, o suffixo greco-latino *izare*: *electrizar*, *idealizar*, etc.

Em a sua, sob todos os respeitos, admirável «*Lexeologia do Portuguez Historico*», onde á maior probidade se allia o mais rigido criterio scientifico, tratando dos verbos em *ear* e *iar*, escreveu o illustre Professor SAID ALI:

«As mesmas formas do presente [i. é. *eio*, *eias*, *eia*, *eiam*] são proprias dos innumerados verbos em—*ear* derivados de substantivos e adjectivos que terminam em consoante ou em vogal atona *a* e ou *o* precedida de consoante (exceptuando-se comtudo *breve*, *amplo* e *lume* que deram *abreviar*, *ampliar* e *alumiar*): *marear*, *senhorear*, *vozear*, *florear*, *grangear* (de *granja*), *folhear*, *gorgear* (de *gorja*), *branquear*, *arquear*, *tartamudear*, *prantear*, *hastear*, *enxamear*, *sortear*, *nortear*, *banquetear*, *patentear*, *presentear*, *serpear*, *serpentear*, *afogear*, *enlamear*, *bronzear*, *esfaquear*, *boquear*, *cabecear*, *mimosear*, *falsear*, *saquear*, *tornear*, *nomear*, *esporear*, *escoucear*, *guerrear*, *titubear*, *macaquear*, *tutear*, *tourear*, *sombrear*, *saltear*, *pratear*, *rodear*, *regatear*, *relancear*, *pleitear*, *desfeitear*, *rastear*, etc.»

«Seguem o mesmo typo de conjugação: *vadear* («passar a vau») derivado de *vadum*, *semear*, *atear*, *bruxolear*, *bambolear*, *derrear*, *cecear* (pronunciar *ce*), *favonear*, *pavonear*» (p. 116).

A relação é a mais completa que se nos depara dos verbos em *ear*. Quanto ao texto, mister se faz interpretal-o cuidadosamente, para não cahirmos em equivoco, attribuindo ao preclaro autor o que não podia elle ter em mente affirmar. O que ahi, de facto, se expõe é que os verbos em *ear* são innumerados e que se derivam de (e não *dos*, cumpre advertir) «substantivos e adjectivos que terminam em consoante ou em vogal atona *a*, *e*, ou *o*, precedida de consoante.» A ressalva, todavia, das tres excepções *breve*, *amplo* e *lume* poderia levar um espirito menos cauto á erronea conclusão de que, a contrario sensu, todos os demais «substantivos e adjectivos que terminam em consoante ou em vogal atona *a*, *e*, ou *o*, precedida de consoante» dão logar á formação de verbos com o suffixo *ear*, o que é falso, por-

quanto innumeráveis outros nas mesmas condições phoneticas só admittem a forma *ar*: *corar*, *azular*, *anelar*, *forçar*, *contentar*, *nevar*, *orientar*, etc. etc. Não se trata, em summa, de estabelecer ali, como talvez se pretendesse, uma regra para determinar quaes os verbos que recebem o suffixo *ar* e quaes os que assumem *ear*, mas apenas se indica um como que attributo d'esses ultimos, aliás quasi insignificante, porque, afinal, substantivo ou adjectivo, em portuguez, que não termine em consoante ou em vogal atona, *a*, *e* ou *o*, precedida de consoante, são muito poucos, e não dão, geralmente, origem a nenhum verbo.

Mas a tal regra, de que ahi se não cogita, seria possível firmal-a?

Sem revelar tamanha pretensão, não nos parecem, todavia, destituídas de todo o valôr as seguintes observações:

I) Recebem o suffixo *ar* a maior parte dos verbos derivados de substantivos e adjectivos acabados em *o*, precedido de consoante, salvas, entre outras que possa haver, as excepções acima apontadas.

II) Repellem o suffixo *ear*:

a) os vocabulos *proparoxytonicos*, v. g.: *numero*, *numerar*; *catalogo*, *catalogar*; *liquido*, *liquidar*, *vinculo*, *vincular*; *solido*, *consolidar*; *relogio*, *relojar*; *lagrima*, *lagrimar*; *integro*, *integrar*; *dialogo*, *dialogar*; *escancara*, *escancarrar*; *prolifero*, *proliferar*; *lapide*, *lapidar*; *politica*, *politicar*; *apostrophe*, *apostrophar*; *valido*, *validar*; *ultimo*, *ultimar*; *estomago*, *estomagar*; *abobada*, *abobadar*; *philosopho*, *philosophar*; *theologo*, *theologar*; *tachygrapho*, *tachygraphar*; *telegrapho*, *telegraphar*; *thuribulo*, *thuribular*; *parabola*, *parabotar*; *pandega*, *pandegar*; *adultero*, *adulterar*; *aureola*, *aureolar*; etc. etc.

Como excepções unicas, salvo erro ou omissão, registram-se as seguintes: *marmore*, *marmorear*; *phosphoro*, *phosphorear*; *relampago*, *relampaguear*; *côdea*, *descodear*.

Nessa categoria não se podem certamente incluir *argentear*, *plumbear*, *aculear*, e outras formações eruditas derivadas de vocabulos latinos onde se nota a presença do suffixo *eus*, de qualidade ou diminutivo como em *nucleo* (contracção de *nuculus*, de *nux*, noz). Em todas ellas o suffixo é *ar* e não *ear*, que se não poderia, com effeito, ajuntar a um outro suf-

fixo, phoneticamente, quasi identico. Resta porém, de *musica* o verbo *musiquear* abonado por *Gil Vicente*. Não constitue, ainda, excepção esse vocabulo, cuja exacta graphia é antes *musiquiar*, pois não provem de *musica* e sim, como teve occasião de provar *Heraclito Graça*, do termo *musiquia*, corrente no seculo XVI, com a significação de *musiqueta*, e ao qual se prende *musiquim*, ou musico ambulante. (*Factos da Linguagem*, p. 360).

b) os vocabulos terminados em *ento*, v. g.: *tormento*, *atormentar*; *alimento*, *alimentar*; *documento*, *documentar*; *instrumento*, *instrumentar*; *sacramento*, *sacramentar*; *vento*, *ventar*; *paramento*, *paramentar*; *fermento*, *fermentar*; *fomento*, *fomentar*; *opulento*, *opulentar*; *ementa*, *ementar*; *escarmento*, *escarmentar*; *juramento*, *juramentar*; *cumprimento*, *cumprimentar*; *aposento*, *aposenar*; *condimento*, *condimentar*; *regulamento*, *regulamentar*; *fragmento*, *fragmentar*, etc. etc.

Excepções só ha duas: *tento* (calculo) *tentear*, para differenciar, naturalmente, do primitivo *tentar* (*tentação*) com o qual nada tem que vêr, e *sargento*, *sargentear*. A despeito da analogia, os compostos, aliás pouco usados, de *vento*, que deu *ventar*, tomam de preferencia as formas: *sotaventear* e *barlaventear*.

Verdade é que se encontram ainda as formas *parlamentear*, e *pensamentear*. Da primeira, porém, existe e muito mais usada, na mesmissima accepção, *parlamentar*. Quando á segunda, é um neologismo que não sabemos si terá tido outro abono que o de seu creador *Filinto Elycio*.

Tanto é exacto, em todo o caso, que repugna á indole da lingua a forma *ear* para os *post-nominaes* derivados dos vocabulos em *ento*, que não a assumem, nem sequer por influencia analogica, em suas formas allotropicas, alguns verbos já formados com aquelle suffixo, como *formosear*, *formosentar*, ou com o suffixo *ar*, como por ex. *repousar*, *repousentar*, *escurar* *escurentar*.

c) os vocabulos em *êdo*, v.-g. *degrado*, *degredar*; *segredo*, *segredar*; *azêdo*, *azedar*; *lêvedo*, *levedar*; *bêbedo*, *embebedar*.

Não ha, que nos conste, excepções. *Enredear* não o é, como á primeira poderia parecer, porque o seu etymo não é *enredo* que faz *enredar*, mas *rêde*. *Enre-*

dear com effeito significa enredar accumulando.

III) Sendo tão numerosos em portuguez os *post-nominaes* em *ar*, derivados de adjectivos, assumem o suffixo *ear* apenas os seguintes: *altear*, *bambear*, *baratear*, *branquear*, *cambetear*, *coxear*, *discretear*, *esbravear*, *esquerdear*, *escassear*, *esverdear*, *falsear*, *formosear*, *franquear*, *fraquear*, *gaguear*, *madracear*, *maganear*, *mimosear*, *rarear*, *redondear*, *refalsear*, *roxear*, *tontear*, *vaguear*, *vesguear*.

Note-se ainda que, provenientes de adjectivos em *oso*, só dois se encontram: *formosear*, e *mimosear*. Os substantivos com identica terminação preferem tambem a forma *ar*: *esposo*, *esposar*; *raposa*, *raposar*.

Estas e outras observações, acaso mais interessantes, do ponto de vista phonetico e semantico, poderá fazel-as quem quizer consultar a relação que ao deante apresentamos, por ordem alfabetica, dos verbos portuguezes acabados em *ear*. Forçosamente incompleta, nella foram registados para mais de 500, incluídos, para o effeito da conjugação (indicativo presente em *eio*, *eias*, *eiam*) não somente os formados com os suffixos *ear*, como os outros, aliás em pequeno numero, nos quaes o *e* pertence ao thema, quer sejam *postnominaes*, quer não.

A letra *P*, como se verá, os tem em maior numero, por ser talvez, das consoantes, a mais opulenta no lexico portuguez. A letra *U* não tem nenhum. *Q* e *I* apenas um, e *J*, *N*, *O* e *Z*, menos de seis.

Não viemos, porém, de tão longe para chegarmos ao exiguo resultado dessas observações que ahi ficam, entregues ao juizo dos mestres.

O que temos, ao contrario, em vista é justamente salientar que não basta para o emprego differencial dos suffixos *ar* e *ear* o criterio phonetico; é mister outro elemento diverso.

Poder-se-ia pretender ás vezes invocar uma razão de simples euphonia que prevaleceu de certo em *titubear*, com singular preferencia sobre a forma *titubar* que é a do etymo latino — *titubare*. Mas nem sempre. *Franco* faz *franquear*; no emtanto, o ouvido supporta perfeitamente, de *banco*, *bançar*, de *manco*, *mançar*, de *tronco*, *troncar* (*destroncar*). Do substantivo *ar* derivou-se, forma unica, *arejar*. *Arar*, porém, si existisse, não

seria mais repugnante do que o já existente *arar*, do lat. *arare*, nem *ondar* selo-ia talvez mais do que *rondar*, *sondar* ou *redondar*, etc.

Ao elemento psychologico ou semantico devemos attender, antes de tudo, *embora nem sempre exclusivo*.

O suffixo *ejar* é, como se sabe, o frequentativo por excellencia, v. g. *pestanejar*, *trovejar*, *cacarejar*, etc. Aparece, ás vezes, no mesmo verbo em concorrencia com *ar* e *ear*, sem differenciação apreciavel de sentido: *planejar* e *planejar*, *viçar* e *vicejar*, *espaçar*, *espaçar* (ou *espaciar*) *espacejar*; outras, porém, como forma exclusiva: *alvejar*, *corvejar*, *velejar*, *arejar*, *doudejar*, *sandejar*, *mourejar*, *negrejar*, *carpintejar*, *velejar*, *trovejar*, *callejar*, *chammejar*, *partejar*, *tolejar*, *versejar*, etc. Offerece ainda accepção pejorativa, ex: *litteratejar*, *rastejar*, *tracejar* (acção menos perfeita que traçar).

Forma syncopada de *ejar*, o suffixo *ear* perpetua a mesma significação iterativa: *cabecear*, *espernear*, *sapatear*, ou, quando não, exprime uma idéa intensiva, causativa ou de continuidade — *passear*, *veranear* ou de gradação — *clarear*.

Tem ás vezes a mesma applicação que o suffixo *ar*, sem differenciação apreciavel de sentido, originando então synonymos perfeitos, v. g.:

chicotear e *chicotar*; *esbambejar* e *esbambar*; *escancear* e *escançar*; *espaçar* e *espaçar*; *espigardear* e *espigardear*; *espoletear* e *espoletar*; *florear* e *florear*; *frontear* e *frontar*; *lacrear* e *lacrar*; *macaquear* e *macacar*; *matraquear* e *matracar*; *palrear* e *palrar*; *parolear* e *parolar*; *pataratear* e *pataratar*; *patetejar* e *patetar*; *pautejar* e *pautar*; *pespontear* e *pespontar*; *preitejar* e *preitar*; *redondear* e *redondar*; *remansear* e *remansar*; *rondar* e *rondar*; *sobresaltear* e *sobresaltar*; *solettriar* e *solettrear*, etc.

Outras vezes — e é ponto da maxima importancia — a coexistencia de mais de um suffixo no mesmo verbo:

a) indica differença fundamental de sentido, comquanto derivados do mesmo substantivo, v. g.: *de bocca*, *boccar* (apanhar com a bocca), *boquear* (abrir muitas vezes a bocca), *boquejar* (murmurar) e ainda *bocejar* (entreabrir a bocca, de tedio, somno, cansaço). Comparem-se:

acarar (dar de cara) — *acarear* (confrontar as testemunhas)

farpar (rasgar) — *farpear* (o touro)

custar (importar) — *custear* (a despesa)

sanar (curar) — *sanear* (tornar são)

fundar (crear, instituir) — *fundear* (ancorar)

prosar (escrever em prosa) — *prosear* (brasileirismo?) palestrar.

folhar (cobrir de folhas) — *folhear* (volver as paginas)

saltar (dar salto) — *saltear* (accommetter)

presentar (pôr em presença) — *presentear* (fazer um dom)

casar (contrahir nupcias) — *casear* (abrir casas)

sacar (extrahir, dar ordem de pagamento) — *saquear* (píear)

passar e *passear*

campar (ostentar ou acampar) e *campear* (percorrer o campo)

estacar (parar de repente) e *estaquear* (plantar estacas)

arcar (luctar) e *arquear* (dar forma de arco)

rodar (dar voltas) e *rodear* (fazer a volta)

voltar (volver) e *voltear* (dar voltas)

carrar (andar de carro) e *carrear* (conduzir o carro)

Nestes exemplos, como se vê, e em outros faceis de apontar, a eficiencia do prefixo não reside apenas no seu valor proprio de *frequentativo*, que ás vezes perde (*sanar* e *sanear*, *fundar* e *fundear*) mas na distincção que estabelece entre acções diversas, relacionadas com o mesmo objecto ou relativas á mesma qualidade. Essa distincção pode chegar ao ponto — facto verdadeiramente singular na suffixação — de indicar completo *antinomia*: *barbar* (crescer a barba) e *barbear* (cortal-a).

b) indica a derivação de substantivos de genero diverso, com differenciação, portanto, de sentido:

balançar (de balanço) *balancear* (de lanção)

bolar (de bôlo) *bolear* (de bola ou de boléa)

barrar (de barra) *barrear* (de barro)

pontar (de ponte ou ponta) *pontear* (de ponto) e, ainda, *pontuar*

pregar (de prego) *preguear* (de prega)

Demos até aqui um lance d'olhos aos verbos simplesmente derivados. Os

parasynthetics offerecem, por sua vez, particularidades interessantes. Nota-se, por exemplo, coexistindo ambas as formas, uma certa antinomia entre a suffixação destes e a daquelles. Muitas vezes quando assumem os primeiros o suffixo *ear*, os segundos o repellem.

claro, clarear *aclarar, declarar*
flôr, florear *aflorar, deflorar, enflorar*
folha, folhear *enfolhar, desfolhar, re-
folhar*

costa, costear *encostar, recostar*
bando, bandear *debandar*

barco, barquear *embarcar*
bombarda, bombardear *esbombardar* (e
— *ear*)

bastardo, bastardear *abastardar, des-
bastardar*

cabeça, cabecear *encabeçar, des-
cabeçar*

sombrar, sombrear *assombrar* (fa-
zer sombra)

Em formas *exclusivamente* parasynthetics dá-se ainda a alternancia de *ar* e *ear*, conforme o prefixo:

fogo *afogear, refogar*
brasa *abrasar, esbrasear*
manso *amansar, remansear*
letra *solettriar* (ou — *ear*) *delettrear*

Haveria ahi quiçá materia para outras reflexões menos desvaliosas. Agora,

porém, vejo que, *post tantos tantosque...*, ainda lá está, pendente de solução, a pergunta inicial: — "*Torpedar* ou *torpedear*?" — À quereremos resolver o caso pela só analogia, deveria ter preferencia a forma em *ar*, de accordo, segundo vimos, com os vocabulos acabados em *êdo* (segredo, azêdo, degredo etc.) que a recebem todos, sem uma unica excepção. Uma vez, porém, que estas se encontram, mais ou menos numerosas, nos demais grupos, dos proparoxytonicos, dos vocabulos em *ento*, poder-se-ia abrir talvez uma em favor de *torpedear* que, por analogia, quem sabe, com *bombardear*, parece ter encontrado maior accepção. Decidam-n'os os competentes... Eu, de mim, após um tão longo arazoado, fico-me a pensar naquelle pobre grammatico italiano, philosopho talvez, que, inteirado de se achar prestes a passar desta para melhor, abaixou pensativo a cabeça e disse, muito calmo: — "*Dunque, me ne vado... o me ne vô, tanto è lo stesso*"...

7—3—923.

E. VILHENA DE MORAES.

Por falta de espaço, reservamos para o proximo numero a relação dos verbos em *ear*, mencionada no texto.

N. da R.

Todo o genero de artigos

Para

Senhoras, Homens, Creanças e para Casa



ESPECIALIDADE EM UNIFORMES E ENXOVAES PARA COLLEGIAES

O TRABALHO MANUAL (1)

Devedor ao Sr. Prefeito da posição que occupo na escola que hoje aqui, festiva, se inaugura, não posso dizer todo o bem que merece a sua idea creadora: pudera dar-se que, por entre os elementos de apreciação, se insinuassem, a perturbar a consciencia do julgador, suggestões de animo agraciado, por fórma que se revelasse uma equação pessoal onde eu só visara uma synthese objectiva.

Mas não haverá terreno em que se conciliem, sem se confundirem ou, siquer, entrelaçarem, as expansões do meu reconhecimento e as indomaveis exigencias do meu espirito de justiça? Penso que sim. No ponto em que me colloco, falo sem sombra de suspeição, e sem receio da malicia com que *Molière* estancou a eloquencia persuasiva de *monsieur Josse*...

Effectivamente, a administração do sr. dr. Sezedello Corrêa impõe-se á estima publica, no ramo do ensino, por dois feitos de extraordinario alcance social—o desenvolvimento da technica nas escolas e a organização da respectiva inspecção sanitaria. Uma só dessas medidas bastaria para fulgido relevo de qualquer periodo administrativo; reunidas, revelam, no seu governo de anno e meio, o cunho das consciencias fortes: isolar-se, para pensar alto, adiantar-se ao seu meio, para realizar uma idéa do seu tempo.

Não é, precisamente, uma idéa contemporanea ou mesmo moderna — a do trabalho manual escolar: de *Comenio* a *Leoncio de Carvalho* vão pelo menos tres seculos. O que é, propriamente, nosso, é o modo por que resolvemos o problema, pondo em contribuição varios elementos de civilização accumulada. Entretanto, mesmo assim restricto, o nosso papel é arduo e difficil. Não é para aqui o discorrer sobre o methodo preferivel, se o allemão, essencialmente pedagogico ou educativo, ligando a technica manual ás materias do ensino, se o francez ou o sueco, com o seu cunho caracteristicamente industrial, productivo ou economico. Tampouco me proponho analyzar o valor das objecções que se levantam ao regimen do trabalho escolar, quer sob o aspecto pedagogico da sobrecarga ou perturbação do ensino, quer sob a feição da concorrência mercantil e

industrial, objecções que têm sido resolvidas por formas varias, aqui, ali e acolá. Se me permittis, accentuarei, apenas, a differença entre a orientação classica e a moderna neste assumpto.

A velha pedagogia, preconizando a necessidade do trabalho manual na escola, tinha em mira associa-lo á vida, para que desaparecessem ou, pelo menos, se attenuassem as contradicções que os extremaram, desvirtuando a missão augusta da escola, que não deve subsistir senão na medida em que contribue para o desenvolvimento harmonico das actividades humanas.

Sentia-se que a escola, se preparava para pensar, não ensinava a agir: restituia á sociedade um ser pensante, mas inutil, mutilado na essencia mesma da vida—que é actividade e movimento. Que fizera ella do thesouro de esperanças que a familia lhe confiara? Que influxo malefico esse que esteriliza e estanca a bella energia da creança?

Residia a causa do mal no exclusivismo da educação intellectual, pensavam os velhos pedagogistas. Dahi a exigencia do trabalho tecnico como correctivo, freio e contrapeso da instrucção. Não viam, não podiam ver que o desastre provinha do methodo do ensino — rigido, formalista, dogmatico. Imobilidade, silencio, obediência passiva—eram os tres circulos daquelle inferno. Longe de excitarem as energias nativas do espirito e suas reacções profundas, abafavam-nas. A lição, em vez de resposta a uma solicitação intellectual, era uma martellada a mais na memoria. Os exercicios e methodos activos, que, estimulando a espontaneidade da creança, geram a autonomia do espirito e lançam, na escola, as bases da personalidade moral, — proscriptos como nefandos caminhos de perdição. Não é *Dupantoup* que inclue a curiosidade,—a divina actividade inquietada que transforma a ignorancia em philosophia,—entre os maiores defeitos das creanças, defeitos que elle chama *sobrenaturaes*, (*pour cette raison, qu'ils representent un effet plus marque de la ferte de linnocence originelle*), e

(1 Excerpto de uma allocução inedita).

que tem por principio tres formas de concupiscencia—o orgulho, a sensualidade e, emfim, a cobiça ou curiosidade, que é *la cupidite du savoir*?

Assim comprimida a intelligencia, sem iniciativas nem audacias, esterilizada no mechanismo de uma somma de conhecimentos sem applicação espontanea, sem contraste, sem critica, que fructos podia ella dar, se lhe faltavam as forças vivas da synthese creadora, que é a lei suprema do espirito?

Foi bem que procurassem os velhos mestres, embora por criterio falso, corrigir os vicios da sua incapacidade didactica, instituindo, na escola, o exercicio manual. Criterio falso, porque o trabalho, a actividade muscular não é mero correctivo da instrucção decorada. Chega a ser mesmo alguma cousa além do que suppunham os proprios *Locke* e *Rousseau* e os propugnadores da educação natural. Effectivamente, a instituição do trabalho tecnico escolar, aos olhos da pedagogia scientifica, fundada na physio-psychologia, não visa, apenas, integrar, completar a educação do homem, com o fim directo, immediato de o armar para as luctas asperas da vida. Reduzido a isso, não precisava que se occupasse delle a escola: ahi estão os institutos exclusivamente profissionaes e technicos, para preencherem a lacuna por por ella deixada no aparelhamento social da creança. Não: o trabalho manual, pelas funções motoras, representa tambem, senão principalmente, um factor de educação puramente intellectual, uma condição indispensavel do aperfeiçoamento, um elemento essencial de saude, de equilibrio e de harmonia entre as forças physio-psychicas. Ao lado da lição ver-

bal, da leitura, da escripta e do livro, o trabalho exerce sobre o espirito salutar função directa. *Só se sabe bem o que se sabe fazer*. Por que? Porque o sentido muscular e as sensações de movimento integram, enriquecem as imagens visuaes, auditivas e tacteis, imprimindo-lhes maior efficacia e clareza. E' uma associação nova que se fórma em torno de um conhecimento, é a memoria motora ou cinesthetica que vem reforçar a percepção. A acção, disse *Guyder*, é um raciocinio concreto que grava, ao mesmo tempo, as idéas no espirito e nos dedos.

Ninguém ignora que foi por intermedio das sensações de movimento que se resolveu o doloroso problema da educação dos anormaes, rebeldes, inaccessiveis ás fontes primaciaes do saber. Só a sensação muscular poude sacudir aquellas cabeças entorpecidas. São do nosso tempo os estupendos phenomenos de *Laura Bridgmann*, cega, surda, muda, sem olfacto nem paladar, e de *Helena Keller*, cega e surda-muda, ascendendo, pelo tacto e pelo musculo, na mais suggestiva e commovente das porfias, á sua perfeita autonomia mental.

A intelligencia amodorrada dos phrenathenicos, como que impermeavel aos sentidos intellectuaes, é posta em vibração pelo musculo, como irritante. As noções, as idéas penetram-n'a através do exercicio, do acto, do mechanismo da acção, segundo as regras do methodo mechanico-operativo.

Mas... não nos vangloriemos... E' de *Anaxagora*, ha dois mil e quatrocentos annos que *o homem pensa, porque tem... mãos*.

Barbosa Rodrigues

O maior tonico da fadiga nervosa, da fadiga cerebral, da surmenage em geral

KOLATENO

E' o summum dos principios activos da NOZ DE KOLA FRESCA, a que se acham associados o MALT e o PHOSPHATO DE SODIO

DOSES: 2 a 4 colheres das de chá por dia, puras ou diluidas em meio calice d'agua

III — LICÇÕES E EXERCÍCIOS

Educação do homem e do cidadão

2º ANNO

Palestra sobre a familia

Mostre o professor, em palestra simples, que o homem não vive isolado. Ao contrario, vive em sociedade. A sociedade mais elementar é a da familia. Todos têm uma familia. Todos? Sim, vivos ou mortos, têm todos seus parentes. Mostre quaes são os parentes mais proximos, que constituem no sentido restricto a familia.

Na familia todos os membros estão presos uns aos outros por deveres imperiosos. Ha os deveres dos filhos para com os paes, dos irmãos uns para com os outros, e dos membros da familia propriamente dita para com os criados. São os que interessam mais directamente aos alumnos na idade em que frequentam as aulas diurnas. Ha ainda os deveres mutuos do marido e da mulher, os deveres dos paes para com os filhos, etc.

A PATRIA É A FAMILIA AMPLIFICADA. E A FAMILIA, DIVIDAMENTE CONSTITUIDA, TEM POR ELEMENTOS ORGANICOS A HONRA, A DISCIPLINA, A FIDELIDADE, A BEMQUERENÇA, O SACRIFICIO.

RUY BARBOSA

Que deveres enormes os que temos para com os nossos paes! Lembremo-nos de que tudo lhes devemos, e amemol-os com respeito. Devemos procurar retribuir um pouco dos esforços que por nós fizeram. Sobram-nos para isso as occasiões. Quando fôr necessario amparal-os e sustental-os, façamol-o de coração, e não apenas para escapar á condemnação da opinião publica.

A nossos irmãos devemos terna affeição, conselho e auxilio nos momentos opportunos. Nossos confidentes devem ser, de preferencia elles; nossos auxiliares, elles. A confiança entre irmãos deve ser absoluta.

Nada mais doloroso do que vêr dois irmãos que dizem: «Nós não nos damos». Como podem deixar de ser amigos dois entes que têm o maior traço commum que pode existir — o mesmo anjo protector que a ambos embalou no berço e por ambos deu no proprio leite a sua mesma vida.

Devemos prezar o nome de nossa familia, esforçando-nos para que seja sempre honrado. Por mais humilde que seja a origem de um homem, elle se deve sentir orgulhoso de seu nome, desde que os antepassados o tenham legado sem macula.

Pasteur, o illustre sabio cujo centenario de nascimento foi ha pouco commemorado com grandes homenagens em todo o mundo civilizado, era filho de paes modestissimos. No dia em que seus admiradores lhe renderam preito de admiração, inaugurando, na casa em que nasceu, uma placa, esse grande homem teve de falar, agradecendo a homenagem. Nessa hora de commoção, foi de seus bons paes que se lembrou, e evocou-os assim: «O meu pae e minha mãe, ó meus caros mortos, que tão modestamente vivestes nesta casinha, é a vós que tudo devo. Teus enthusiasmos, minha valorosa mãe, para mim os fizeste passar. Si associei sempre a grandeza da sciencia e a grandeza da patria, é que eu

estava impregnado dos sentimentos que me havias inspirado. E tu, meu caro pae, cuja vida foi tão ardua como teu proprio officio, mostraste-me o que pode fazer a paciencia nos longos esforços. A ti é que devo a tenacidade no trabalho quotidiano. Não só possuias as qualidades perseverantes que fazem uteis as vidas, mas tambem a admiração dos grandes homens e das grandes coisas... Olhar para o alto, buscar inspiração além, procurar elevar-se sempre, eis o que me ensinaste.»

Esse grande espirito que foi Louis Pasteur assim se humilhava ante o peso do que devia aos pobres paes que o guiaram na vida. Como é ridiculo e triste vermos hoje um joven, mal sahido das faixas da infancia, e que inchado de vaidade menospreza pae e mãe, porque são ignorantes!

O. R.

Historia e Geographia

GEOGRAPHIA

2º ANNO

Observações do local da classe em relação á escola

Começam os programmas de geographia da classe elementar pelas noções de «posição». É realmente imprescindivel ministrar esse conhecimento preparatorio. O modo de fazel-o pode variar quasi ao infinito, de tantas circumstancias depende.

Ninguém pretende vêr na ementa extrahida do programma do segundo anno, e que serve de epigraphé a este trabalho, um «ponto» a ser formulado, quem sabe se escripto, e depois transmitido ás crianças como alguma coisa difficil e nova.

As noções de posição, que figuram nos actuaes programmas, como em alguns dos anteriores, sempre foram dadas. Apenas o eram em outras secções do ensino. Dizemol-o e insistimos em observal-o porque assim acreditamos sinceramente concorrer para que não se tome a nuvem por Juno, e não se complique inutilmente um programma que é e deve ser elementarissimo.

O ensino nesta classe tem de ser principalmente oral, e nos rudimentos de sciencia não só não se requerem livros, mas estes devem ser banidos porque causam serios danos á mentalidade do professor e portanto ao alumno. Está visto que nos queremos referir aos livros de texto, escriptos visando o alumno. Ao professor, para seu cultivo intellectual, é claro que nunca será demasiado lêr os compendios, as revistas, as publicações de todo genero, desde que sejam abonados ou conceituados os autores.

Que devemos entender por *observação do local da classe em relação á escola*? Tão somente que o mestre deve conduzir os discipulos ás noções bem firmes a respeito do logar que occupa a sala de aula, de sua posição em relação aos demais aposentos do edificio escolar.

Modelos para estas lições, e esplendidos, queiram os professores ver os de Calkins-Ruy Barbosa—para a idéa de tamanho em geral (*Lições de Cousas*, pags. 329 e seguintes). Mutatis mutandis, não se pode achar melhor orientação.

Assim, por meio de perguntas adequadas, em que as respostas sejam facilmente encaminhadas, de sorte que todos os discipulos, até os menos ricos de engenho, possam compartilhar nas lições, irá o professor repisando as noções de posição, tendo em vista que afinal esteja a classe perfeitamente apta a empregar as diversas locuções com que se exprime a posição: *á frente, ao lado, aos fundos, atraz, por detraz, mais á frente, mais para traz, mais para o lado, lateralmente, em frente, acima, abaixo, por cima, por baixo, á direita, á esquerda*, etc. etc.

Bom será que se induza logo o alumno a observar o phenomeno da illuminação solar, phenomeno que vae ser mais para deante particular objecto de observação (no estudo da orientação). Bastará que veja por onde entra o sol na sala pela manhã e á tarde, e portanto a direcção das sombras e seu movimento no curso do dia.

Situação da escola na rua e da rua no bairro

Quanto dissemos no capitulo anterior, aqui poderíamos repetir. Trata-se de conhecimentos a transmitir, mas conhecimentos que ainda não são geographia, mas preparação para ella; conhecimentos que sempre foram ministrados em nossas boas escolas, nem sempre em aula de geographia, mas em alguma outra das secções do programma.

Trata-se apenas de fornecer geitosamente ao discipulo, empregando de preferencia o methodo socratico, de tão grandes resultados, pelo menos nestas classes elementares, meia duzia de conhecimentos uteis e de vocabulos necessarios.

Assim, falaremos dos dois lados da rua — o *direito* e o *esquerdo*, e faremos logo vêr que o direito pode ser esquerdo e o esquerdo pode ser direito, mas observar a praxe que estabelece o direito e o esquerdo attendendo á direcção em que se vae. Occorrerá então explicar o que seja *subir uma rua* e o que seja *descer uma rua*, embora seja plana a mesma rua, e portanto mostrar que as casas são numeradas por ordem. Mostrar que um lado da rua é o lado *par*, outro o lado *impar*. Explicar porque ás casas de maior

testada correspondem dois ou tres numeros, dos quaes só um, que é o ultimo, figura na placa.

Diremos em que ponto da rua fica o predio da escola. Perto de que edificios outros? Proximo de que cruzamentos?

Mostraremos depois quaes as ruas, em geral, que constituem o nosso bairro; si a rua da escola se acha no centro do bairro ou em um dos extremos; quaes os bairros proximos; quaes as ruas que a atravessam. Faremos exercicios de «passeio mental», explicando como vamos da escola á casa de cada um dos alumnos, escolhidos naturalmente os que moram no bairro. Incidentemente teremos de explicar, embora pela rama, porque recebeu esta rua o nome de tal estadista, aquella o de um general, de quem é o nome daquella outra. Ha algum monumento em uma das ruas ou em uma praça do bairro? Expliquemos a significação desse monumento, sempre em palavras simples, evitando minucias excessivas.

Os trabalhos escolares, a vida da escola, a vida domestica

A ementa acima, que se acha no programma de segundo anno, de geographia, é preciso comprehender perfeitamente o que signifique, para que por causa d'ella não sejam os professores induzidos em erro, e não desviem seus esforços por uma tangente que faça perder tempo, para não falar de outros prejuizos.

Deve-se entender que o que ahi se acha é apenas um degráo preparatorio afim de que o discipulo possa mais tarde comprehender as grandes linhas geraes da geographia economica.

Trata-se de mostrar, antes de tudo, que todos trabalhamos. Não é só o operario que lá está curvado a soldar os trilhos, nem o que está a estender o asphalto no leito da rua, nem o que vae capinando os jardins e as praças, nem é só o ferreiro em cuja casa estamos ouvindo bater o malho, nem o carpinteiro, nem o pedreiro. Não. Todos trabalhamos. Observemos dentro da propria escola. Ha os alumnos, que trabalham estudando, e alcançarão obra bem feita ou mal feita, segundo se applicarem aos estudos; ha os professores, que trabalham ensinando. Eis ahi um começo da noção de divisão do trabalho e da repartição dos homens pelo

«genero de occupação», assumpto obrigatorio para o estudo economico do mundo.

Mostremos depois que ha aqui mesmo, na escola, outros signaes, outros vestigios de trabalho. E offerecendo á consideração dos alumnos o banco, a mesa, o quadro negro, os lapis, as pennas, etc. e lembrando-lhes que todos nos nutrimos, e habitamos um lar, e nos vestimos, facil será fazer que comprehendam que somos todos, em geral, ao mesmo tempo *productores* e *consumidores*. Que para a *produção* é necessario um esforço, que é o *trabalho*. A' actividade que tem por objecto produzir, isto é, fazer apparecerem as mercadorias ou *utilidades*, chamamos particularmente *industria*. Numerosos homens, por todo o mundo, se entregam á industria. Ha os que extraem das florestas a madeira, o latex da seringueira ou do caucho, os productos naturaes, não plantados, que se usam como remedios, etc.; os que extraem das entranhas do solo a pedra para as construcções, o carvão de pedra, o petroleo, etc., os que extraem do mar o sal de cosinha; os que pescam; os que caçam, etc. Todos esses se occupam de *industrias extractivas*, ou naturaes. Ha os que plantam os cereaes, os legumes, a batata, a canna de assucar, etc. e os que se dedicam á criação do gado: são os que se occupam de *industrias agricolas*. Ha finalmente os que transformam as materias primas em fabricas e engenhos de toda sorte: de algodão, do linho e da seda em bruto fazem os tecidos com que nos vestimos; da canna obtêm o assucar depois de uma serie de operações; do ferro bruto preparam o aço e com o aço uma infinidade de instrumentos e de machinas; são os que se dedicam ás *industrias fabris*.

Mas ha ainda homens que se dedicam não a produzir certas mercadorias e sim a trocal-as. Porque é necessario que haja trocas: cada productor cede o que produziu, para adquirir outras coisas uteis. A troca se faz mediante o *dinheiro*, que é a medida commum dos valores. A actividade que tem por fim executar essa troca de «utilidades», isto é, de coisas uteis, ou apenas desejadas, chamamos *commercio*.

Ha finalmente uma actividade que tem por fim transportar as mercadorias e as pessoas, para realizar as transacções do commercio ou para dar ás pessoas o gozo de conhecer os paizes, etc. Embora essa actividade não «produza» mercadoria, damos-lhe o nome de industria: é a industria dos *transportes*.

Além das mercadorias ha que considerar ainda os bens imateriaes, como a instrução, o conselho e o deleite dos sentidos. Esses bens são equiparaveis ás mercadorias sob certo ponto de vista. Assim, o professor vive de transmittir conhecimentos e formar o espirito dos alumnos, e de sua profissão auferir os meios de subsistencia; o medico vive dos recursos que lhe fornece o exercicio da clinica, isto é, das opiniões e conselhos que dá ao doente. E assim por deante.

Creemos que com as linhas acima, deixámos bem claro qual deve ser a orientação do professor quando houver de considerar este assumpto. Insistimos que é impossivel em materia de tal ordem «formular pontos». Tenha o mestre deliberado que ha de abordar taes e taes assumptos e vá guiando a palestra, com os desvios necessarios, suggeridos pelas perguntas incidentes, pelos conhecimentos do momento, etc.

O. R.

—»O«—

HISTORIA

4.º ANNO

DESCOBRIMENTO DA AMERICA E DO BRASIL

1.ª lição — Diante de um mappamundi ou um planispherio o professor recordará os conhecimentos geographicos da classe acerca da posição do Brasil, grande nação da America do Sul, por sua vez parte meridional do Continente Americano, e explicará porque é a America denominada Novo Continente ou Novo Mundo, em contraposição ao Velho Mundo.

A seguir falará sobre o estado da Europa, com mais de 20 seculos de existencia quando se descobriu a America, referindo-se especialmente aos conhecimentos de geographia e nautica e aos mappas baseados em noções erradas a respeito do globo terrestre, supposto de diminutas dimensões, mappas em que se assignalava uma pequena extensão ao mar que acreditavam ligar as plagas europeas ás asiaticas e onde não eram mencionadas, por desconhecidas inteiramente, as terras americanas e as regiões do centro e sul africanos.

Dada essa idéa geral e bem clara do que era o mundo dos antigos, falará nas relações commerciaes com os povos do Oriente, interrompidas após a invasão e estabelecimento dos Turcos nas costas do

Mediterraneo; na idéa fixa, que passou a dominar toda a Europa, do descobrimento de outro caminho (que só poderia ser maritimo) para as Indias.

Mostre Colombo, fascinado por essa idéa, apoiando-se em mappas cujos erros tiveram a vantagem de implantar no animo do Genovez a convicção de alcançar em breves dias a costa asiatica ou indiana. Recorrendo ao globo geographico, mostre como isso só seria realizavel si não se intercalassem as terras americanas, ignoradas de toda a gente, mas ignorancia que degenerou em beneficio pois deu a Colombo a energia e firmeza de propositos com que defendeu a sua idéa.

Proclame a victoria de Christovão Colombo contra a rotina, a ignorancia, a iniriga e a covardia da época pois, si é certo que elle não attingiu a India como quiz e suppoz, é bem verdade que mais bello feito realizou, a 12 de Outubro de 1492: arrancando dos confins desconhecidos do grande e temeroso mar toda a immensidade de terras que constituem o Novo Mundo e que de polo a polo se estendem.

2.ª lição — Repetindo, diante do globo, que a fascinação do Oriente obrigava os povos europeus á ida fixa de procurar um caminho maritimo para as Indias, fale nas viagens dos Portuguezes, guiados por D. Henrique, em Sagres. Refira-se ás descobertas das costas africanas onde os Portuguezes travaram conhecimentos com as populações pretas e selvagens e se apoiaram para novas e mais extensas excursões até alcançarem a ponta meridional da Africa, mostrando a D. João II a possibilidade da viagem á India e cuja realização coube a Vasco da Gama.

Mostre, no globo, o caminho percorrido pela frota de Vasco da Gama e fale nessa viagem e nos heroicos feitos praticados pelos Portuguezes e magistralmente narrados por Camões, no incomparavel poema «Os Luziadas».

Explique como convinha a Portugal assegurar o commercio das Indias e como foi, para esse fim, aprestada a frota de Cabral. No mappa mostre mais uma vez o caminho que Cabral deveria percorrer e porque, afastando-se demasiadamente das costas africanas, chegou á vista das terras do Brasil de que tomou posse para Portugal, antes de proseguir na sua viagem.

Convém explicar ás crianças, diante do mappa, que a parte da America attingida por Colombo, a serviço da Hespanha, ficou sendo *colônia hespanhola*, e a parte a que veio ter Cabral, isto é, o Brasil, foi desde logo considerada *colônia portugueza* ou terra sujeita ao governo de Portugal.

3.ª lição — Viagem de Colombo. Após arguição dos alumnos para verificar si ficou bem comprehendido o desenrolar dos acontecimentos que originaram a descoberta da America — as Indias pelo cami-

nho do Occidente — fará o professor a narração completa de todos os factos occorridos antes, durante e depois dessa viagem, referindo-se com ardor á coragem e persistencia do grande navegador cujas convicções mais se fortaleciam diante da opposição e obstaculos que apresentavam ao seu projecto.

Depois das referencias indispensaveis feitas aos recursos com que Colombo poud realizar o seu sonho, ás suas viagens e descobertas na America (assim denominada após as referencias de Vespucio), ao erro que motivou a denominação de *indios* dada aos natuaes da terra, a todas as perseguições e intrigas de que foi elle victima, á sua morte em inteiro abandono, fale o professor no grande valor moral desse vulto, digno de nossa admiração pelo beneficio que fez a seus contemporaneos, augmentando-lhes o patrimonio e que a nós se estende como herança de nossos antepassados.

4.ª lição — Viagem de Cabral.

Arguidos os alumnos sobre o que já conhecem dessa viagem, indicada em um mappa, e indagados os motivos que a determinaram, descreva o professor minuciosamente esse acontecimento, falando na permanencia de Cabral em nossa terra, no seu trato com o gentio, nas missas celebradas, na carta de Pero Vaz Caminha, etc., e, ao fazer lembrar a data dessa descoberta, dará as razões de ordem religiosa que determinaram a commemoração do facto a 3 de Maio.

5.º ANNO

PRIMEIROS ESTABELECIMENTOS DOS PORTUGUEZES NO BRASIL. — PRIMEIRA COLONIA

Feita a revisão do programma do 4.º anno referente ao descobrimento do Brasil, procure o professor fazer conhecer exactamente o que era o paiz nessa occasião: vasta extensão de terras incultas, cobertas de espessas e ricas florestas habitadas por homens em estado primitivo, habitantes das selvas ou selvagens. Fale nas riquezas naturaes dessa região considerada, pelos Portuguezes de então, inferior ás Indias cujo commercio os tentava e para a qual se dirigiam deixando em abandono a terra da Santa Cruz, procurada logo por aventureiros e armadores francezes principalmente, que exploravam livremente a *terra do pão brasil*, de onde o nome — Brasil.

Refira-se ás inproficuas expedições exploradoras que nenhum beneficio poderiam trazer á immensa terra virgem e na necessidade da definitiva posse da terra, pelos Portuguezes, ante a perspectiva de perderem a conquista. Fale nos gastos da metropole com o aparelhamento da expedição confiada a Martim Affonso de Souza e no seu estabelecimento no porto de Santos, após ter percorrido a costa brasileira; nos progressos compensadores da colonia de S. Vicente onde, auxiliados pelos selvagens capitaneados por Tibiriçá, puderam os Portuguezes lançar seguras bases da colonisação da terra brasileira, desenvolvendo a lavoura e o commercio, chamando á civilisação varias tribus selvagens e estendendo ao interior do paiz a auctoridade de Portugal.

Rio, 6-4-923.

M. A.

LINGUA MATERNA

1º ANNO

PRESENÇA DE ESPIRITO

Adelia, uma menina de dez annos, morava na roça.

Todos os dias a menina levava para pastar longe de casa uma vaquinha branca e preta de nome Malhada.

Para não se aborrecer Adelia procurava matar o tempo, trabalhando num panno de *crochet*.

A menina costumava amarrar ao redor da cintura a corda que rodeava o pescoço do animal.

Certo dia passou pelo pasto a carrocinha da carne conduzida por João, o açougueiro.

Acompanhava-o seu cachorro, o Janota, que se poz a perseguir a vaquinha.

A Malhada, muito assustada, procurou fugir e assim ia arrastando Adelia.

Mas João não perdeu a calma.

Saltou da boléa e cortou a corda com o facão de partir carne.

Assim salvou da morte a menina, que nunca se esqueceu do bem que lhe fez o açougueiro.

ARGUIÇÃO

— Adelia era mais moça ou mais velha que Carmen, que tem 8 annos?

Que quer dizer "morar na roça"?

(E' viver em logar longe da cidade onde ha muito matto, poucas casas).

Nós aqui vivemos na roça? Onde vivemos, então?

Que quer dizer pastar?

Comer a relva, o capim, as hervas que nascem e sustentam os animaes.

Todos os animaes pastam?

Dê-me o nome de alguns que pastam, Sylvio. O cão, o gato, o papagaio pastam?

A vaquinha era da mesma côr que o capim? De que côr é o capim? Ha essa côr em nossa bandeira, na bandeira brasileira?

Por que a vaquinha tomou o nome de Malhada?

Não poderia chamar-se Pintada?
E, si tivesse uma só côr, poderíamos chamal-a assim?

Você só conhece a côr verde, Eurydice?

— Não; conheço a vermelha, a azul...

— Déa, haverá algum objecto de côr vermelha em cima da mesa?

— A tinta.

— Muito bem. Quem é capaz de mostrar um objecto azul?

— O giz que Mauricio escreveu no quadro, disse Lygia.

— Exactamente. O giz é azul; mas vamos repetir melhor o que você disse, Lygia. Digg: o giz com que Mauricio escreveu.

Voltando á nossa historia, a vacca é um animal util? Presta serviços ao homem? Que nos dá ella?

Como devemos tratá-la?

Ajuda o homem a viver?

Que alimentos se fabricam com o leite? A manteiga é feita com leite? E o queijo? O vinho tambem?

Por que Adelia se aborrecia no pasto?

Porque estava só, não é assim? não tinha com quem conversar, com quem brincar.

E' agradável viver-se só, sem companheiros, sem camaradagem, sem amigos?

Como devemos tratar nossos companheiros para que não se afastem, não fujam de nós?

De que necessitamos para fazer *crochet*, Heloisa?

— De agulha e linha.

— De lã, seda, barbante tambem podemos fazer *crochet*.

Que trazia Malhada ao pescoço? Por que Adelia amarrou a corda á cintura, Maria?

— Porque era travessa.

Não, Maria, não foi por esse motivo; foi para ficar com as mãos livres e poder fazer seu trabalho. Foi tambem porque, se a vaquinha quizesse ir para longe, a menina sentiria a corda puxal-a.

Essa idéa foi boa ou arriscada?

A menina foi imprudente?

Quem era João?

Onde se vende carne aqui na cidade? E pão? E leite?

João vinha só?

Que fez o cachorro quando avistou a vacca?

Que quer dizer perseguir?

O Janota costumava perseguir o açougueiro?

Por que?

Quando a Malhada se poz a fugir, a menina correu algum perigo? Poderia morrer?

Quem a salvou?

Si João se tivesse atrapalhado, teria salvo a menina?

Devemos admirar e imitar o exemplo que elle deu?

E o de Adelia, quando amarrou a corda á cintura?

Comprehenderam agora por que a historia se chama "presença de espirito"?

E' porque João foi calmo, não se atrapalhou, achou logo o que devia fazer.

2º ANNO

ENUMERAÇÕES FACEIS

Escrever tres nomes de calçados, tres de aves, tres de utensilios, de legumes, arvores, objectos de ouro, vehiculos, molestias, bebidas alcoolicas, astros, estações do anno, moveis, alimentos mineraes, vasilhame e partes do corpo.

Mencionar dez substantivos communs que se tornaram proprios, porque são empregados como sobrenomes:

Pereira — Leão — Rocha — Barata — Leitão — Carneiro — Ferrão — Duque Pires — Camara.

— O transbordamento das aguas? Inundação.

— O homem que cria abelhas? Apicultor.

— Uma plantação de arroz? Arrozal.

— O que trata dos animaes doentes? Veterinario.

— O homem da idade de sessenta annos? Sexagenario.

— O que viaja em aeroplano? Aero-nauta.

— O signal que fica na pelle depois da cura de uma ferida? Cicatriz.

— A casinhola de madeira que serve para abrigar a sentinella? Guarita.

— A collecção de doze duzias? Groza.

— A parte dianteira de um barco? Prôa.

— E a parte posterior? Pôpa.

3º ANNO

DICTADO

A passagem do trem

Ao longe, na extrmidade dos trilhos que se alongam infinitamente, apparece um ponto negro, uma fumaça branca: é o trem expresso.

Approxima-se, cresce a olhos vistos; a terra tremte: eil-o diante de nós.

Primeiramente é a locomotiva enorme, toda de ferro, cobre e aço, da chaminé saem baforadas de fumaça espessa; embaixo é uma chuva de carvões accesos; dos lados vão e veem hastes de metal num movimento incessante e certo.

Na machina está de pé um homem com a mão apoiada a uma alavanca; é quem dirige esta força poderosa e docil.

O barulho das rodas ensurdece; cansa-se o olhar de acompanhar essas formas fugitivas que se succedem muito depressa para que possa fixal-as.

Desfila o trem; agora é um rasto negro que se vae; diminue e se afasta.

Em breve tudo desapareceu; rola e se dissipa pouco a pouco uma longa fumaça branca que fluctua ainda no ar.

EXERCICIOS COMPLEMENTARES

Quaes os meios de transporte usados na cidade?

Os barcos e navios foram sempre movidos a vapor?

Já desapareceram de todo os barcos a vela?

Como são estes impellidos?

Como eram puxados os bondes outrora?

E hoje?

Onde deslisam as rodas?

Para que servem as carroças?

Os aeroplanos já constituem um meio de transporte muito usado?

E os automoveis?

5º ANNO

EXERCICIO DE REDACÇÃO

Um dia de chuva

Num desses dias a alumna se vê obrigada a ficar em casa, impedida de visitar uma de suas amiguinhas; para distrahir-se percorre um album de photographias.

Dizer as impressões que suggere a vista dos diversos retratos que encerra o album: tios, tias, primos, amigas, etc.

Falar por ultimo no retrato da amiguinha a quem escreve.

Rio de Janeiro, ... de...

Querida amiga.

Com que intenso prazer acariciava eu a possibilidade de passar a teu lado o dia de hoje, domingo, cujo descanso bem mereci, attendendo ao meu trabalho da semana inteira.

Levantei-me bem cedo e já me dispunha a sahir quando o céu escureceu repentinamente e a chuva começou a cahir em

gottas espaçadas a principio e logo mais finas e seguidas.

Tive de renunciar a meu projecto.

Tua amiga propõe e... a chuva dispõe.

No correr deste dia que me teria parecido tão curto em tua companhia, estive folheando para distrahir-me, o album de retratos de minha familia, o que me trouxe emoções variadas que, na falta de melhor assumpto, resolvi transmitir-te.

Si o assumpto não te interessar, deixa-te do tempo que me levou á tristeza.

Abrindo o album, vejo na primeira pagina meu irmão Augusto, que minha mãe quiz collocar nesse lugar da honra.

Parece-me vê-lo ainda com aquelles olhos tão meigos e aquella impressão de energia tranquilla que se desprendia de sua pessoa.

A morte de meu irmão foi o meu primeiro desgosto de creança.

Foi por occasião da guerra de 914 que foi designado para fazer parte do corpo expedicionario que seguia para a Europa.

No dia de sua partida minha mãe se esforçava por occultar a tristeza que a dominava; elle, porém, procurava tranquillizar-nos, citando exemplos de outros que se viram em situação mais embarçosa e, no entanto, tinham regressado.

A gripe, porém, o levou como a tantos outros, roubando-o á nossa afeição.

Que tristes mezes passámos então.

Virei rapidamente a folha com os olhos ainda cheios de lagrimas e parei diante de uma antiga photographia: é o retrato de minha bisavó, que já devia então ser bem idosa.

Apparecem em seguida meus avós paternos e maternos dos quaes apenas resta vovó Luisa, que vive comoseo, ainda tão alegre, tão viva, apesar de sua idade avançada.

Seguem-se meus tios, tias, primos e primas e eu, revendo aquelles que me são caros, sinto-me mais affectiva, a saudade dos que já se foram, nos torna mais caros os que ainda nos restam.

Surgem agora minhas amiguinhas e entre ellas uma moreninha, de olhos claros e cabellos crespos; beijo affectuosamente essa meiga imagem que parece sorrir á amiga, que se aborrece por não poder ir vê-la.

Tens difficuldade em reconhecer quem é?

Tua

Z.

ENSINO SCIENTIFICO

ARITHMETICA

TERCEIRO ANNO

A MEDIDA DAS GRANDEZAS — O METRO O LITRO E O GRAMMA

(Continuação)

Em nossa ultima lição aprendemos a medir a extensão, a avalial-a, a reduzil-a a numero e portanto a elemento de calculo. Vimos que tudo isso constituia simpels applicação de conhecimentos que já haviamos adquirido, não offerecendo difficuldade alguma ao alumno, embaro mediocre, que houvesse acompanhado até então o desdobrar do curso respectivo.

Na lição de hoje procederemos analogamente, procurando, como é habito nosso, usar até das mesmas expressões, de modo que o alumno, achando-se em terreno conhecido, possa adiantar idéas relativamente ao assumpto, o que lhe satisfaz a vaidade, estimulo indispensavel a todos os emprehendimentos humanos de grande ou de pequena monta.

Assim, começaremos por mostrar aos alumnos que as cousas não nos interessam sempre pelas mesmas propriedades, para o que tomaremos exemplos variados, como sejam: num tecido, o que nos interessa, afóra a qualidade, é a extensão, que no sentido do comprimento, quer no da largura; num liquido, como o vinho, afóra a qualidade, interessa-nos a grandeza da vasilha que elle é capaz de encher, pois que não o podemos observar sequer se não se achar acondicionado num vaso; tratando-se de um cereal, tambem afóra a qualidade, interessa-nos a grandeza da vasilha que elle é capaz de encher, pois só assim poderemos fazer idéa justa da porção considerada. Se espalharmos ou se amontarmos sobre uma superficie qualquer, a esmo, uma porção de cereal, não poderemos precisar a differença entre essa porção e outra qualquer; ao passo que num vaso, como é evidente que para encher maior vaso será necessario empregar maior porção, e que a menor vaso corresponderá menor porção, poderemos avaliar a porção pelo vaso.

E' assim que dizemos: uma caneca de arroz, um copo d'agua, uma garrafa de vinho etc., para significar a porção de arroz que enche uma caneca, a porção d'agua que enche um copo, a porção de vinho capaz de encher uma garrafa, etc.

Diz-se então que taes substancias são avaliadas ou medidas pela *capacidade*, o que equivale a dizer-se que o são pelo vaso que é capaz de contel-as, ficando completamente cheio. A esse vaso empregado na avaliação ou na medida das mencionadas substancias dá-se o nome de — unidade de capacidade, por motivo analogo ao que nos levou a chamar — unidade de extensão — qualquer extensão conhecida, precisa, determinada, de que nos servissemos para medir extensões quaesquer.

Compreende-se bem que *para uso pessoal qualquer* vasilha serviria: um copo, uma chicara, uma caixa com dimensões quaesquer; attendendo-se porém a que os cereaes e os liquidos são objecto de commercio, e que seria impossivel estabelecer um preço para todos desde que variasse a unidade para cada um, tornou-se indispensavel adoptar uma unidade para uso geral.

Observação. Temos procedido até aqui a uma singela exposição da materia; em classe, poderá o professor obter dos proprios alumnos, por meio de habil arguição, essas mesmas noções que acabamos de dar. Exemplifiquemos: — Vejamos, F., todas as cousas no mundo nos interessam pelas mesmas qualidades? — Não, de certo. — O alimento, N., como deve ser? — Nutriente, saboroso e abundante. — E a roupa, L? — E as flôres, em tua opinião, S? Etc., etc.

— Imaginemos, pois, que tenho aqui duas peças de fita de seda, da mesma cor e da mesma qualidade de tecido, para fazer distinctivos da nossa escola para esta classe toda. Além da qualidade do tecido e da cor, que é que me pôde interessar, decidindo a minha preferencia por uma ou por outra?

— A extensão da peça; a mais extensa nos fornecerá maior numero de distinctivos.

— E se a mamãe te mandasse comprar milho para as aves que tem no galinheiro? Afóra a qualidade do milho, que é que te podia interessar? — A porção que chegasse para a ração de um dia, ou de uma semana, ou de um mez, conforme a mamãe me determinasse.

— E como havias de dar a saber ao negociante qual era essa porção? — Levando uma vasilha para medida. — Que dizes a isto, N? Não haveria inconveniente em levar cada um a sua medida?

— Havia e muito grande: o negociante ficaria em duvida sobre o preço da mercadoria a pedir a cada freguez. — Figura um caso concreto (todos devem saber a significação da phrase). — Eu levo para medida uma caneca e F. leva esta caixa, por exemplo (mostra); se o negociante não sabe quantas canecas de milho são precisas para encher a caixa, nunca saberá ao certo, pedindo-me um preço pela caneca, quanto deverá pedir a F. pela caixa.

— Qual a conclusão a tirar, L?

— E' preciso medir a porção, isso só pôde ser feito por meio de uma vasilha; essa vasilha deve ser a mesma para todos. — E que nome devemos dar a essa vasilha, attendendo-se ás condições de seu uso?

— Unidade... — Unidade de que?

— Ninguem sabe?

Ninguem acerta com a denominação adequada? Vou então ensinar: *unidade de capacidade*, nome que nos lembra que esta unidade é capaz de conter a substancia, a cousa que se quer medir. A palavra — capacidade — é muito empregada, já no sentido proprio, no sentido verdadeiro, real, de — propriedade de conter alguma

Chocolate e café só

ANDALUZA

Fabrica — RUA DOS ANDRADAS

RIO DE JANEIRO

cousa material, já no sentido figurado, isto é por analogia, por semelhança, embora se trate de cousa espiritual ou moral, como seja o saber, a illustração, ou os sentimentos.

Diz-se por exemplo: que este moringue (mostra) tem maior capacidade do que este copo (mostra) — porque elle é capaz de conter maior porção d'água do que a que enche o copo; que esta sala tem capacidade para uma classe de 40 alumnos, porque ella accomoda bem esse numero de alumnos, é capaz de contel-os e mais aos objectos indispensaveis ao exercicio das aulas; mas tambem se diz de um individuo de grande intelligencia, de talento capaz de adquirir e reter uma vasta somma de conhecimentos, tal como se fóra seu cerebro um vaso de grandes proporções capaz de conter todo esse saber, que — é uma grande capacidade, ou simplesmente que — é uma capacidade; de p s-soa de alma bem formada, poderíamos dizer: seu coração só tem capacidade para o bem; etc., etc.

— Retomemos o assumpto no ponto em que o interrompemos para dar lugar á observação acima.

O professor mostraria então á classe a unidade de capacidade e diria que se denomina *litro*.

Chamaria a atenção para as circumstancia de se fabricarem litros de madeira, em fórma de caixa cubica, e litros de folha de Flandres em fórma de caneca cylindrica; faria vêr que sendo qualquer delles (apontando) um litro, era forçoso que tivessem a mesma capacidade, o que provaria enchendo uma das medidas de substancia de que se tivesse prevenido e despejando-a successivamente nas outras.

Para justificar a necessidade desses varios formatos de litro, lembraria a grande variedade de substancias comprehendidas nos — liquidos e cereaes. Estes poderiam ser sempre medidos no litro fabricado de madeira, por serem seccos, não se infiltrarem nessa madeira, ao passo que os liquidos exigiam vasilha metallica ou de louça, vidro, etc. Sendo a louça e o vidro muito frageis, faceis de quebrar, foi adoptada a folha de Flandres que reúne á resitencia o baixo preço, e a durabilidade.

Continuando, faria vêr que essas canecas cylindricas são ainda de dous typos: base de pequeno diametro e grande altura relativamente á base, e base de grande diametro e altura relativamente pequena. Mandaria proceder ás medidas respectivas, bem como á da aresta da caixa cubica e explicaria que os liquidos não poderiam ser medidas indifferentemente nesta ou naquella unidade, embora de substancia adequada, porque muitos apresentam qualidades taes que obrigariam a um continuo e penoso serviço de limpeza, que tomaria muito tempo; esta difficuldade é removida em parte, reservando-se um dos typos do litro para vinhos, alcool, etc., e o outro para azeite de qualidade inferior, kerozene, etc.

Ainda assim, como facilmente o professor mostrará em classe, qualquer porção

de liquido medido que fique adherente ás paredes da vasilha, da unidade, pôde estragar outro liquido que se venha a medir na mesma unidade, o que exigiria um constante e ininterrupto trabalho de lavar e seccar uma verdadeira bateria de litros. Por isso foi sempre pouco usada esta unidade; o commercio serve-se habitualmente, para a venda dos liquidos, de uma antiga unidade — a garrafa — que vende juntamente com a substancia pedida pelo comprador.

Exs.: *garrafa* de vinho, de cerveja, de mel, etc. Quando se trata da venda de liquidos em porção consideravel, ainda a substancia é vendida com a unidade respectiva.

Exs.: *barril* de azeite, de vinho, de cerveja; *pipa* de alcool, de aguardente, etc.

Quanto aos cereaes, quando vendidos em porção consideravel, para evitar o trabalho de encher uma unidade de pequenas dimensões um grande numero de vezes, recorre ainda o commercio ás medidas antigas — o sacco e a sacca — como aliás quasi todas as crianças já têm observado nas occasiões em que acompanham as mães ás compras.

O professor chamará especialmente a atenção dos alumnos para o facto de serem — garrafa, barril, pipa, sacco, sacca, etc., verdadeiras unidades, visto como têm *certa e determinada capacidade*. E' por mera extensão que chamamos garrafa, barril, etc., vasos que só têm d'estas unidades a fórma, a configuração.

Attendendo ás considerações que acabamos de fazer relativamente ao litro e naturalmente a outras ainda mais importantes que entendem com a hygiene da alimentação, prohibiu o governo o uso d'essa unidade nos armazens de viveres, substituindo a avaliação pela capacidade pela avaliação por meio do peso, como teremos ensejo de vêr na proxima lição.

O leite que exige tão grandes cuidados, já por se alterar facilmente, já por constituir alimento obrigatorio das crianças, dos velhos e dos enfermos, é vendido a garrafas e tambem a litros, uns e outros fabricados de vidro e podendo portanto offerecer a garantia de facil e meticolosa limpeza.

Seria quasi desnecessario tratarmos aqui de unidades provindas do litro — multiplos e submultiplos — (vêr a lição sobre *metro*); entretanto, e para dar ensejo a exercicios variados, faremos vêr que as dimensões do litro, accommodadas á avaliação de porções reduzidas de cereaes e de liquidos, não o seriam para grandes ou para diminutissimas porções de taes substancias, d'onde a necessidade de medir ou varios litros de uma vez ou fracções de litro. Taes unidades, exactamente como vimos para o metro, poderiam corresponder a 2, 3, 4, etc., litros ou á metade, ao terço, ao quarto, etc., de um litro. Para se conservar, porém, a numeração decimal para os numeros resultantes da medida, d'onde serem as mesmas já conhecidas as operações sobre taes numeros, são considerados multiplos do litro — o

decalitro o hectolitro, o kilolitro, o myrialitro, que correspondem á dezena, á centena, ao milhar e á dezena de milhares de litros — e submultiplos do litro — o decilitro, o centilitro e o mililitro, que correspondem ao decimo, ao centesimo, e ao millesimo do litro.

As proporções exaggeradas dos multiplos e as exiguas dimensões dos submultiplos proscreeveram sempre o seu emprego, com excepção do decalitro e do decilitro, que serão mostrados aos alumnos, caso ainda façam parte das collecções adoptadas nas escolas publicas primarias.

O. C.

(Continúa).

—):(—

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES

5.º ANNO

SENSIBILIDADE. — ORGÃOS DOS SENTIDOS

Mostrar que é, graças á sensibilidade, que podemos perceber as impressões vindas dos objectos exteriores.

Explicar que essas impressões são recolhidas por orgãos especiaes — os orgãos dos sentidos.

Fazer um rapido estudo sobre os cinco sentidos.

Sentido do tacto — Ensinar que ha duas especies de tacto: sensibilidade tactil e tacto propriamente dito. Estabelecer a differença existente entre essas duas especies de tacto e estudar cada uma dellas, em particular.

Tratar da estrutura da pelle, dos orgãos a ella annexos e do mechanismo do tacto, aproveitando e ampliando os conhecimentos adquiridos no terceiro anno.

Sentido do gosto — Relembrar que é a lingua o principal orgão do gosto. Dizer que é um orgão musculoso, dahi a sua grande mobilidade; que é revestido por uma membrana, onde se encontra um grande numero de papillas; que é nessas papillas que vêm ter as terminações dos nervos linguaes, que a parte mais sensivel da lingua é o seu terço posterior (razão desse facto); que os nervos da lingua têm por funcção recolher as impressões produzidas pelo sabor dos alimentos e transmitilas ao cerebro.

Tratar do mechanismo do gosto.

Accentuar que, muitas vezes, difficilmente se distinguem as sensações do olfacto das do gosto — os assados, os vinhos... impressionam o olfacto e não o saber, como podem constatar os endefluados.

Sentido do olfacto — Dizer que o orgão do olfacto é constituído pelas fossas nasales; que estas duas cavidades se acham

separadas, uma da outra, pelo vomer; que, posteriormente, se communicam com o pharynge; que suas paredes lateraes apresentam, de cada lado, tres laminas osseas; os cartuchos — superior, medio e inferior; que toda a superficie interna das fossas nasales é forrada por uma membrana chamada pituitaria; que na pituitaria se expande o nervo olfactivo, encarregado de transmittir ao cerebro as impressões produzidas pelos odores.

Dar explicação sobre o modo por que são transmittidas essas impressões ao cerebro.

Sentido da audição — Mostrar onde se acha alojado o aparelho auditivo e fazer um rapido estudo das partes que o constituem.

Fazer vêr que esse aparelho comprehende: o ouvido externo, o ouvido medio e o ouvido interno.

Referindo-se ao ouvido externo, salientar, sobretudo, o papel que desempenham o pavilhão e o conducto auditivo. Apontar a funcção do cerumen, depois de explicada a sua procedencia.

Chamar a atenção para a membrana que separa o canal auditivo do ouvido médio; para as outras duas membranas — janellas oval e redonda, situadas entre o ouvido médio e o interno; para a cadeia dos ossinhos e sua disposição que bem indica a funcção que ella desempenha; para a trompa de Eustachio que, por intermedio da garganta, bocca e fossas, estabelece a communicação do ouvido médio com o exterior.

Dizer que o ouvido externo e o ouvido médio podem faltar, são simplesmente partes accessorias; que o ouvido interno, ao contrario, é indispensavel, é a parte essencial do aparelho auditivo; que elle se compõe de tres cavidades — o vestibulo, os canaes semi-circulares e o caracol; que, enquanto o ouvido médio se apresenta cheio de ar, o interno se acha repleto de um liquido aquoso; que é revestido por uma membrana, onde se expandem as ramificações do nervo acustico.

Descrever, em seguida, cada uma das partes do ouvido interno.

Insistir sempre na funcção que desempenha cada parte do aparelho auditivo, pois, sendo bem conhecida, facilmente comprehenderão os alumnos o mechanismo da audição.

Sentido da vista — Apresentando estampas, fazer notar que o aparelho visual se compõe de dous globos — os globos oculares; que estes se acham alojados em duas cavidades do frontal — as orbitas; que, cada um desses globos, é composto de tres envoltorios e de uma serie de meios transparentes. Citar essas partes, dando uma rapida idéa da sua estrutura, da posição que occupam e da funcção que desempenham.

Passar a fallar nos orgãos annexos ao aparelho ocular — palpebras, cilios, supercilios, glandulas lacrimaes, musculos... indicando o papel de cada um delles.

Referindo-se aos musculos dos olhos,

dizer que a elles deve o globo ocular a grande mobilidade de que é dotado. Explicar que esses musculos são em numero de seis, quatro dos quaes apresentam um trajecto rectilineo e dous, um trajecto obliquo; que os musculos rectos movem os olhos em dous sentidos: vertical (para cima e para baixo) e horizontal (para a direita e para a esquerda); que os musculos obliquos fazem mover os olhos nos sentidos dos ponteiros de um relógio; que, ás vezes, esses musculos não se desenvolvem igualmente, do que resulta ficar o globo ocular um tanto desviado para um lado — é o caso das pessoas vexas.

Para dar ideia do modo por que se

produz a sensação visual, comparar o globo ocular a uma camera photographica. Assim, mostrar como a pupilla, dando passagem aos raios luminosos, corresponde á abertura desta camera; o crystallino, á lente que produz a imagem e a retina, ao fundo sensível, onde se desenha a figura do objecto.

Ensinar que os olhos podem apresentar defeitos de conformação. Tratar dos principaes — myopia, prebyatismo, hypermetropia e daltonismo.

Explicar de que provêm taes anomalias e como corrigil-as, fazendo ver que o daltonismo é um defeito irremediavel.

E. B.

Jezus-Christo e o Pozitivismo

POR

PEDRO BARRETO GALVÃO

Indice da obra—Gravura — *Christ. in Gethse mani*

Dedicatória. A Jezus-Christo—A's almas cristans. As memorias de meus pais, a minha espoza, a memoria de sua mãe e aos meus filhos.

Prefació.

PRIMEIRA PARTE

I—Jezus-Christo e os evangelhos canonicos.

II—Jezus-Christo inaugura o seu ministerio publico—Instrucções que dá aos seus apóstolos. Perseguição tendo á frente S. Paulo, contra os convertidos por Jezus.

III—Doutrina de Jezus-Christo caracterizada por alguns trechos dos evangelhos

IV—Jezus-Christo aperfeiçoa o Mozaismo e transforma radicalmente a organização social antiga com a fundação da nova doutrina.

V—Os melhoramentos da doutrina de Jezus-Christo estendem-se a todos os mandamentos da antiga "Lei".

VI—A constituição da familia segundo a doutrina de Jezus-Christo. Bodas de Caná. Sintheze da moral cristan.

VII—Os dois poderes sociais: temporal e espirital. Sua separação instituida por Jezus-Christo.

SEGUNDA PARTE

I—S. Pau'lo, suas epistolas e os evangelhos canonicos. Sua convrsão.

II—Apostolado de S. Paulo, seu reconhecimento por S. Pedro e outros apóstolos. Criticas de A. Comte ao Catholicismo.

III—Tacito e os cristãos. Epilogo da vida de S. Paulo.

IV—Jezus-Christo institue o culto do Catholicismo—o céu.

V—A missa.

VI—Conclusão.

ANEXOS

I e II—Uma estatua a Jezus Córsto. (artigo.)

III—Guerra religioza—artigo publicado no Jornal do Commercio.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 129

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1055

PREÇO 3\$000

"Casa Cirio"

Grande sortimento de artigos dentarios, perfumarias e cutilaria fina. Importação directa dos Estados Unidos e Europa

JULIO BERTO CIRIO

Rua do Ouvidor N. 183

RIO DE JANEIRO

Telephone Norte 3117 — End. Tel. Cirio
Caixa Postal n. 15

CASA ALVES

Grande deposito de moveis de estylo e completo sortimento de moveis naciouaes

J. A. PONTES

Praça Tiradentes, 38

TELEPHONE CENTRAL 4562

PREÇOS SEM COPETENCIA

Matriz: RUA DOS ANDRADAS, 51
Teleph. Norte 2838—RIO DE JANEIRO

As professoras municipaes gozarão abatimento

Quereis gozar e

divertir-vos?

Ide ao PARQUE DE DIVERSÕES na Exposição onde a par dos mil e um divertimentos, salões de chá, luxuoso Restaurant pelos preços da cidade.

Gozareis a agradavel brisa da barra

A vida é curta,

frequentar o Parque

é prolongal-a

Exposição Internacional do Centenario

Os pavilhões Nacionaes e Exrangeiros que se acham abertos desde as dez horas da manhã, poderão ser visitados até as 18 horas, excepção feita dos pavilhões dos Estados Unidos, da Inglaterra e da Tcheco-Slovaquia que se conservarão abertos tambem a noite.

A entrada é gratuita para a visita as sessões industriaes da Praça Mauá, onde o publico tera occasião de conhecer os mais modernos machinismos e os melhores productos fabris dos paizes representados no grande certamen.

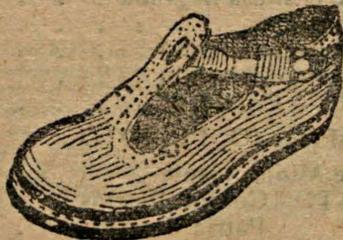
No Pavilhão Americano da Avenida das Nações funcio-nara diariamente, das dez da manhã ás nove da noite, um cinematographo interessantissimo e gratuito.



OCULOS e PINCE-NEZ
para qualquer defeito da vista
*Apparehos Photographi-
cos e Accessorios.*
LUTZ, FERRANDO & CIA LTDA
RUA GONÇALVES DIAS N. 40 — RIO

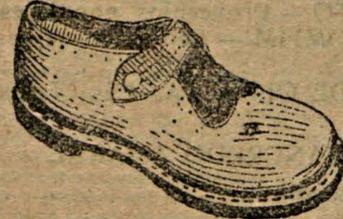
CASA GUIOMAR
CALÇADO DADO
Avenida Passos, 120
(Proximo a Rua Larga)

Tendo adquirido uma importante fabrica pode assim vender todos os seus productos de calçados desde as alpercatas a Luiz XV mais barato que qual-quer casa 50 oio.



MODELO NILDA

De 17 a 26.....	4\$000
De 27 a 32.....	5\$000
De 33 a 40.....	6\$500



MODELO NORAH

De 17 a 26.....	4\$500
De 27 a 32.....	5\$500
De 33 a 40.....	7\$500

Pelo Correio, mais 1\$500 por par
Remettem-se catalogos illustrados gratis para o interior a quem os solicitar.
Pedidos a JULIO DE SOUZA

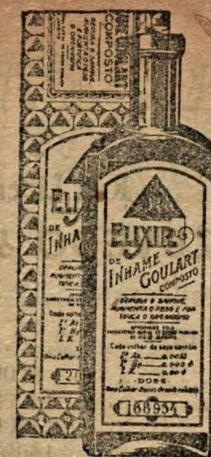
Casa das Novidades

LUVARIA GOMES

Meias, luvas, leques, bolsas, carteiras, rendas, fitas, colares, pulseiras, brincos e chapéos para meninas e senhoras

A's Exmas. professoras municipaes faz-se o desconto de 10%

38, TRAVESSA S. FRANCISCO, 38



O que o doente sente com o uso do «ELIXIR DE INHAME»

Com o tratamento pelo Elixir de Inhame, o doente experimenta uma grande transformação no seu estado geral; o apetite augmenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arlenico) a cor torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos musculos, mais res-

sistencia á fadiga e respiração facil. O doente torna-se florescente, mais gordo e sente uma sensação de bem estar muito notavel.

Modo de usar : O Elixir de Inhame Goulart deve ser usado na dose de uma ther depois de cada refeição.

Depura - Fortalece - Engorda

A Dentição das Crecanças



Todo o cuidado é pouco quando se trata dos dentes da Crecança pois a saude depende em grande parte do estado da bocca.

Auxilio e Assistencia Dentaria Gratuito
Associação Central Brasileira dos Cirurgios Dentistas
Av. Rio Branco, 142.

S.S. White Dental Mfg. Co. of Brazil

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

Rua Libero Badaró, 129

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILLARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional	\$600
2º Livro de Leitura	1\$000
3º Livro de Leitura	1\$000
4º Livro de Leitura	1\$000

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia	\$600
2º Livro de Leitura	1\$500
3º Livro de Leitura	2\$500

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$500
1º Livro de Leitura	3\$500

SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica	1\$500
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$000
5º Livro de Leitura	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães	1\$000
Primeiras Leituras	2\$000
Leituras Moraes	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura	1\$500
Cartilha	1\$800
Leitura Preparatoria	2\$500
1º Livro de Leitura	2\$500
2º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	4\$000

JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$500
5º Livro de Leitura	4\$000
Leituras Praticas	3\$000
Fabulas (em verso)	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria	2\$000
Leitura para o 2º anno	2\$500
Leitura para o 3º anno	2\$500
Leitura para o 4º anno	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias	2\$000
1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$000

ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura	\$600
Novo 1º Livro de Leitura	1\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500

SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna	1\$000
Segundo Livro	1\$000
Segundo Livro	1\$000

FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler	\$500
2º Livro de Leitura	1\$600
3º Livro de Leitura	2\$000
Excursões escolares	1\$000

DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro	1\$500
Vida Infantil 2º Livro	2\$000
Vida Infantil 3º Livro	2\$000

COLLECÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro	1\$000
Novos principios de Leitura	1\$000
Guia Infantil, 1ª parte	2\$000
Guia Infantil, 2ª parte	2\$000
Guia Infantil, ás 2 partes	4\$800
O 1º Livro de André 1ª parte	2\$000
O 2º Livro de André 2ª parte	2\$000
Compendio de Historia Sagrada	3\$000
Noções de Sciencias	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.)	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.)	6\$000
E. DE AMICIS — Coralção	2\$000

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios	3\$500
" " Patria Brasileira	3\$500
" " Theatro Infantil	2\$500

CORNAZ

As creanças e os animaes	1\$500
Novos Amigos	2\$070
CORREIA e BARRETO—Era uma vez	2\$000
A. M. PINTO—Proverbios populares	2\$000
BILAC e BOMFIM—Leitura Comple- mentar	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA—Céo, Terra e Mar	3\$500

TANCREDO AMARAL

Livros das Eacolas	3\$000
------------------------------	--------

BARRETO E LAET

Anthologia Nacional	6\$000
-------------------------------	--------

EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira	6\$000
---------------------------------	--------

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos	3\$000
Selecta Classica	4\$000
DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico	3\$500
B. P. R.—Leitura Manuscripta	1\$500

A BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica	2\$500
OLAVO BILAC—Poesias Infrantis	3\$500
L. FERDINAND—Lyra das Creanças	2\$000
R. PUIGGARI—Album de Gravuras	2\$000

Remettemos o nosso catalogo, gratis para todo o Brasil